



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
Instituto de Humanidades Artes e Ciências Campus Sosígenes Costa
Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER

MIRIAM CONCEIÇÃO SILVA

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO
EM PORTO SEGURO-BAHIA:

A influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no Processo de
Criação da Política Municipal de Igualdade Racial.

Porto Seguro-BA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

Instituto de Humanidades Artes e Ciências Campus Sosígenes Costa

Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER

**A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO EM
PORTO SEGURO- BAHIA:**

A influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no Processo de
Criação da Política Municipal de Igualdade Racial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, linha de pesquisa História do Movimento Negro em Porto Seguro-Bahia: E a influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no Processo de Criação da Política Municipal de Igualdade Racial, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabia Barbosa Ribeiro.

Porto Seguro-BA
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
Instituto de Humanidades Artes e Ciências Campus Sosígenes Costa
Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais/PPGER

MIRIAM CONCEIÇÃO SILVA

FOLHA DE APROVAÇÃO

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO EM PORTO SEGURO- BAHIA: A
influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no Processo de Criação da
Política Municipal de Igualdade Racial.



Profa. Dra. Fábria Barbosa Ribeiro(UNILAB/PPGER)

Presidentada banca



Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Fernandes(IFBA/ PPGER)

Membro interno



Profa. Dra. Marina Pereira de Almeida Mello (UNIFESP)

Membra externa



Candidata

Webconferência,03 de dezembro de 2021.

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

S586h Silva, Miriam Conceição da, 1963 -
A história do movimento negro em Porto Seguro – BA: a influência do
Instituto Sociocultural Brasil Chama África no processo de criação da política
municipal de igualdade racial./ Miriam Conceição da Silva. – Porto Seguro,
2022.
99 f.

Orientadora: Fábila Barbosa Ribeiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa
de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais. Campus Sosígenes
Costa.

1. Instituto Sociocultural Brasil Chama África. 2. Igualdade Racial (Promoção).
3. Políticas Públicas. 4. Movimento Negro. I. Ribeiro, Fábila Barbosa. II. Título.

CDD – 908.9

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa não poderia ter sido desenvolvida até aqui se eu não tivesse recebido o apoio de várias pessoas. Daí o dever do reconhecimento.

Em primeiro lugar, à minha professora orientadora, Doutora Fabia Barbosa Ribeiro, que me tem acompanhado em disciplinas e na elaboração deste estudo de forma paciente, atenciosa e com uma presteza indescritível. Obrigada pelo empenho, pelas palavras de incentivo e pelas correções e críticas sempre construtivas, com as quais tenho crescido muito como acadêmica.

A todos os meus colegas de mestrado, com os quais dividi angústias, crescimento, conhecimento e estabeleci uma linda parceria de motivações, força e apoio durante todo este percurso.

A minhas filhas Monica Moara e Marina Luna e a minha neta Gaia Sacchi, pela paciência e por me fazerem uma pessoa melhor.

A Maurício Sacchi, por ter suportado minha ausência no lar durante meu período de estudos.

À Coordenação Municipal de Promoção da Igualdade Racial e de Gênero na pessoa de Gilmária da Cruz Menezes, pelo apoio e incentivo.

Ao Centro Municipal de Pesquisa, Educação e Cultura, na pessoa de Carleone Filho, pelo incentivo e por disponibilizar o espaço para minha pesquisa.

A todos os professores do programa, cujos conhecimentos foram de suma importância para a concretização desta pesquisa.

A minha família, que me apoia em tudo que me proponha a enfrentar, seja profissional ou academicamente. Sem ela, não teria conquistado tudo isso.

Aos companheiros de luta que fundaram junto comigo o Instituto Sociocultural Brasil Chama África, pelo incentivo e confiança.

Aos parceiros financeiros que contribuíram com recurso para impressão do livro.

RESUMO

O tema desta pesquisa, de cunho historiográfico, qualitativo e exploratório, partiu de observações do percurso histórico das lutas do Movimento Negro do Brasil e da Bahia, trazendo, como objetivo, uma abordagem do Movimento Negro no Município de Porto Seguro, com foco no Instituto Sociocultural Brasil Chama África –ISBCA no contexto de implementação e efetivação de Políticas Públicas Municipais de Promoção da Igualdade Racial na Cidade de Porto Seguro, Bahia. Busca-se, também, especificar órgãos de referência à promoção da igualdade racial implantados no município, com o incentivo das ações afirmativas realizadas pelo ISBCA. Foca-se, ainda, a identificação de ações que corroboraram para a divulgação e o incentivo à aplicação da Lei 10.639/03, bem como para a criação da Superintendência e da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial no Município no ano de 2015. Partindo do conhecimento sistematizado e do tratamento das informações pesquisadas, propôs-se, ainda, elaborar publicação em formato de livro digital e impresso referente à História do Movimento Negro em Porto Seguro, com ênfase na importância do ISBCA na implementação de políticas públicas direcionadas ao povo negro no município, como fonte de pesquisa a ser disponibilizada a docentes, estudantes, historiadores/as, movimentos negros organizados, com referências historiográficas pertinentes à luta desses atores sociais. Na construção da publicação, amplia-se o enfoque, indo além da identificação da criação e das ações promovidas pelo ISBCA, ao apontar parcerias e a participação da comunidade no processo municipal de concretização de políticas voltadas para as questões étnico-raciais.

Palavras-chave: Instituto Sociocultural Brasil Chama África, Promoção da Igualdade Racial. Políticas Públicas. Movimento Negro.

ABSTRACT

The theme of this research, of a historiographical, qualitative and exploratory nature, started from observations of the historical trajectory of the struggles of the Black Movement in Brazil and Bahia, bringing, as an objective, an approach to the Black Movement in the Municipality of Porto Seguro, focusing on the Instituto Sociocultural Brasil Chama África – ISBCA in the context of implementation and effectiveness of Municipal Public Policies for the Promotion of Racial Equality in the City of Porto Seguro, Bahia. It also seeks to specify reference bodies for the promotion of racial equality implemented in the municipality, with the encouragement of affirmative actions carried out by ISBCA. It also focuses on the identification of actions that contributed to the dissemination and encouragement of the application of Law 10.639/03, as well as to the creation of the Superintendence and Coordination for the Promotion of Racial Equality in the Municipality in 2015. Systematized knowledge and treatment of the researched information, it was also proposed to elaborate a publication in digital and printed book format referring to the History of the Black Movement in Porto Seguro, with emphasis on the importance of the ISBCA in the implementation of public policies aimed at the black people in the municipality, as a source of research to be made available to teachers, students, historians, organized black movements, with historiographical references relevant /to the struggle of these social actors. In the construction of the publication, the focus is broadened, going beyond the identification of the creation and actions promoted by ISBCA, by pointing out partnerships and community participation in the municipal process of implementing policies aimed at ethnic-racial issues.

Keywords: Instituto Sociocultural Brasil Chama África [*BrazilCallsAfrica Sociocultural Institute*]. Promotion of Racial Equality.Public Policies.Black Movement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Faixa Etária.....	55
Gráfico 2 – Grupo étnico-racial em que se inclui	56
Gráfico 3 – Nível de formação educacional.....	57
Gráfico 4 – Autoidentificação de gênero	58
Gráfico 5 – Contribuição do ISBCA para a construção das Políticas de Igualdade Racial no Município de Porto Seguro-BA	58
Gráfico 6 – Definição da participação do movimento negro na construção das políticas de igualdade racial no Município de Porto Seguro-BA	58
Gráfico 7 – Ponto de vista sobre as políticas de promoção da igualdade racial em Porto Seguro-BA	59
Figura 1 – Produto final	61

LISTA DE SIGLAS

CEMPEC – Centro Municipal de Pesquisa, Educação e Cultura

COPIRG – Coordenação Municipal de Promoção da Igualdade Racial e de Gênero

IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros

ISBCA – Instituto Sociocultural Brasil Chama África

MNU – Movimento Negro Unificado

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEDUC – Secretaria de Educação (Município de Porto Seguro-BA)

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SEPROMI – Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial

TEN – Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

MEMORIAL	8
INTRODUÇÃO	13
2 O MOVIMENTO NEGRO NA BAHIA: DO SACUDIR DOS BÚZIOS AOS ECOS DE REVOLTA DOS MALÊS E AOS BATUQUES DOS MALÊS DEBALÊS, BADAUÊS, OLODUNS E ILÊ AIYÊS.....	31
3 O MOVIMENTO NEGRO EM PORTO SEGURO: DO CARVÃO VEGETAL AO BRASIL CHAMA ÁFRICA	40
3.1500 ANOS EM UM! RESUMO DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS AOS 500 ANOS DODESCOBRIENTO DO BRASIL E O EMBATE ENTRE O PODER PÚBLICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS.	40
3.2INSTITUTO SOCIOCULTURAL BRASIL CHAMA ÁFRICA: UMA CHAMA ACESA NA COSTA DO DESCOBRIMENTO, UM CHAMADO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA MUNICIPAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL.....	41
4 ISBCA E CULTURA NEGRA: DA AVENIDA AOS TERREIROS, FAZENDO ECOAR A VOZ DA MATRIZ AFRICANA.....	47
4.1A FORÇA DA MULHER NEGRA NA LINHA DE FRENTE DO INSTITUTO.	49
4.2VOZES DO CHAMA ÁFRICA: DEPOIMENTOS DE DIRIGENTES E EX DIRIGENTES DO INSTITUTO SOCIOCULTURAL BRASIL CHAMA ÁFRICA NO DECORRER DE SEUS 14 ANOS DE EXISTÊNCIA.	51
4.3TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	55
5O PRODUTO FINAL.....	60
6CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES	66
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	66
APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS.....	68
ANEXOS.....	78
ANEXO A – CARTAZES DE EVENTOS DO ISBCA.....	78
ANEXO B – ENTREVISTA, JORNAIS E EVENTOS	86
ANEXO C – LEIS	Erro! Indicador não definido.

MEMORIAL

MEUS PASSOS VÊM DE LONGE...

Nasci em 1963, com o auxílio da parteira dona Geralda, em Ramos, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Sou filha de dona Celina Maria da Conceição, lavadeira, analfabeta, mãe de nove filhos, chefe de família e desejava “companheiro”, meu pai, Antônio Benedito da Silva. Meus avós paternos são Maria Joaquina da Conceição, nascida em 1888, filha de negros escravizados e vinda dos quilombos do interior do Rio, e seu João Benedito da Silva. Da parte de minha mãe, tenho minha adorável avó Dorvalina Maria da Conceição, que também nasceu no interior do Rio, e o meu avô português Pedro Pinheiro. O meu pai saiu de casa deixando os filhos com minha mãe, sem nenhuma assistência. Sobrevivi graças à força de trabalho e ao pulso firme de minha mãe. Meu pai tentou me levar escondido, mas minha mãe não permitiu. Só depois de muita conversa, foi que me deixou ficar uns dias na roça onde ele morava com minha avó.

Meu pai seguiu a carreira de pastor. Depois de muito aprontar na vida, “aceitou Jesus”, tentando, assim, se livrar dos seus pecados, como abusar e bater em minha mãe, acochegar nos bares e na jogatina. Virou um pastor da Assembleia de Deus, gravou vários hinos e coordenou a igreja no município de Queimados, Estado do Rio de Janeiro. Casou com uma mulher branca, de nome Francisca. Depois de abandonar os filhos do primeiro casamento, meu pai sofreu por minha madrastra não conseguir engravidar. Então, tentou ficar com a minha guarda, porém minha mãe não permitiu. Foi me buscar e voltei para casa com ela. Depois, ela resolveu me levar para a casa da minha avó materna, Dorvalina Maria da Conceição, então vivi na roça, em Coelho da Rocha, e lá aprendi muitas coisas. Mais tarde, aos sete anos, minha mãe me levou para um colégio interno no bairro da Tijuca, onde fui educada por uma sociedade espírita kadercista, lá permanecendo por sete anos.

Em 1989, já adulta, tendo vivenciado o racismo e participado de movimentos negros no Rio de Janeiro, transferi-me para o interior da Bahia. Nos anos anteriores, havia participado do Movimento Negro Unificado do Rio de Janeiro, como integrante do Instituto de Pesquisas e Cultura Negra (IPCN). E, neste novo Estado, recordei situações vivenciadas na luta. Por esses anos, nasceu em Belmonte, Bahia, a minha segunda filha, Mônica Moara, e foi uma ocorrência

com essa filha, numa escola do município de Porto Seguro que fez renascer, em mim, a vontade de voltar a militar de maneira mais efetiva no Movimento Negro.

MINHA FORMAÇÃO

convivência com a luta antirracista, através de grupos afros como Agbara Dudu (dança) e grupos de capoeira. Fui conhecer o Instituto de Pesquisa Cultura Negra (IPCN) e me aproximei de alguns associados, como Ivanir Santos, Januário Garcia, Marcia Leivas, Papa Legas. Nossa grande apoteose era na Cinelândia, nos bares e restaurantes, onde assistíamos a verdadeiras aulas de política racial e de luta. Também frequentava os estúdios de Adauto e Vicky, um casal que tinha uma produtora de vídeos no Bairro de Santa Inícioi minha formação no Colégio Municipal Carneiro Ribeiro e, aos sete anos, fui para o internato Abrigo Tereza de Jesus, situado na Rua Ibituruna, 91, Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, onde cursei a segunda e a terceira séries do Ensino Primário (1971, 1972, 1973), concluindo a quarta série em um colégio nas proximidades do internato, o Colégio Conselheiro Mayrink, finalizando em 1974.

Inícioi o ginásio no Colégio Mário de Veiga Cabral, cursando de 1975 a 1977, ainda em colégio interno. Após completar 14 anos, fui desligada da instituição e finalizei o ginásio, em uma escola na vila da Penha, Colégio Fernando Tude de Souza, em 1978 e 1979, quando retornei para o Complexo do Alemão e tentei me reintegrar ao seio de minha família, depois de um exílio de sete anos. Contudo, como eu não me sentia bem no ambiente rústico e agressivo que tinha em minha casa, ia para o outro lado da estrada onde tinha um bairro dos blocos residenciais do Banco Nacional da Habitação – BNH, fruto de antigo programa habitacional do governo. Lá conheci uma família de pretos, com pai e mãe, e todos estudavam. Fiz uma formação política com essa família e entrei para o Movimento Negro. As mulheres da casa faziam tranças nagô, Sebastião, um dos filhos de dona Lourdes e seu Jorge, era fundador do Partido dos Trabalhadores – PT, e frequentava o MNU (Movimento Negro Unificado) do Rio. Assim, convidaram para que eu fosse aos debates realizados na Concha Acústica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, onde estudavam. Lá tive oportunidade de assistir a debates fervorosos com Lélia Gonzáles, Abdias do Nascimento, entre outros.

Minha trajetória de conscientização começou nesse ambiente de Tereza, Rio de Janeiro, onde filmavam todos os passos do Movimento Negro. Conheci também um artista de Cachoeira, Pedro, escultor e poeta, o qual me apresentou o professor Jacques D'adesky, que muito contribuiu com o Movimento Negro, coordenando o Centro de Estudos Afro-asiáticos da Faculdade Cândido Mendes.

Dei uma parada na minha formação e comecei a trabalhar como produtora,mas, como era um emprego incerto e sem horário, não conseguia conciliar com o horário da escola.Depois, em 1987, fui trabalhar no campo da moda, em loja, butique e *showroom*, atuando como modelo quando precisavam de uma negra, o que era muito raro.

Optei por trabalhar nos bastidores, sendo figurinista das gravadoras Odeon,CBS e WEA.Depois, em 1988, fui convidada para trabalhar na Rede Manchete TV e fiquei como assistente de figurino nos programas de TV como o de Angélica (“Milk-shake”) e em telenovelas (“Helena” e “Mania de Querer”).Além disso,convidada para vestir Elza Soares em suas apresentações nos programas de calouros, ela gostou muito do meu trabalho e me convidou para seguir com ela para São Paulo em 1989. Foi um período muito importante na minha vida, pois aprendi a lutar com Elza, cuja vida não foi fácil, e me sensibilizei com sua trajetória.

Mas não fiquei em São Paulo.Resolvi retornar ao Rio a convite do produtor do músico e arranjador Cesar Camargo Mariano,para fazer toda a produção de figurino do programa que ele criou na TV Manchete – “Um toque de Classe”. Depois, foram aparecendo outros convites para produção e conheci o grupo de *reggae* Lumiar (atual Banda Cidade Negra), da Baixada Fluminense.Comecei a produzir a banda, todos eram pobres e moravam na baixada, e eu conseguia vestir o grupo com as parcerias que tinha com grifes como Mr.Wonderful, Yes Brazil e Marco Rica.

Em 1990, conheci meu marido em uma produção da banda Cidade Negra, no morro da Urca. Como eu já estava cansada da vida em grande metrópole, eu me casei e vim direto para Santo André no sul da Bahia.Larguei tudo no Rio, até o trabalho,para viver meu amor e uma cabana.Arrendamos uma barraca de praia e fiquei trabalhando como barraqueira em Santa Cruz Cabralia.Tivemos uma linda filha, da qual muito me orgulho, Marina Luna, e assim comecei uma nova identidade, a *debaiana*.

Retornei meus estudos de 1998 a 2000 no Colégio Santa Maria –DF, finalizei o ensino médio e, nesse intervalo, fiz vários cursos de capacitação em diferentes áreas no campo da cultura e educação ambiental

Em 2004, com um grupo de ambientalistas – era na época Diretora do Instituto Reciclar, construímos a Agenda 21 Local na Cidade de Porto Seguro-BA, considerada uma das melhores do Brasil.Traçamos um diagnóstico das necessidades do município através de uma pesquisa de campo.

Assim, com a minha ambientação no novo Estado, fui me inserindo na sociedade local e me envolvendo com as questões populares, mais especificamente relacionadas ao Movimento

Negro. Entre as ações em que me envolvi, estão: participação ativa em todos os conselhos do município: Meio Ambiente; Promoção da Igualdade Racial (esta foi uma luta pessoal e criada por mim); participação no Conselho do Parque Nacional Pau Brasil; participação ativa no Fórum de Turismo Cultural, organizado pelo SEBRAE, que rendeu vários projetos estruturantes como Corredor Cultural Pacatá, Corredor Cultural do Centro Histórico do Arraial D'Ajuda; organização do Centro Histórico do Porto Seguro e da Rota das Aldeias Indígenas.

Em 2006, fui contratada para a assessoria da Secretaria Municipal do Litoral Sul, na qual atuei como responsável por todas as áreas como Cultura, Ação Social, Meio Ambiente e Agricultura Familiar (atuando em distritos como Coqueiro Alto, Vale Verde, Sapirara). Nesse contexto, foram criados projetos de permacultura nas atividades de geração de emprego e renda, secagem de frutas, horta mandala e círculo de bananeiras, que faz reaproveitamento de espaço nos quintais.

No ano de 2007, fiz uma mobilização com toda a sociedade portosegurense para se pensar em uma associação voltada para as questões raciais, denominada Instituto Sociocultural Brasil Chama África (ISBCA). Fui eleita presidenta da instituição, cujas finalidades são a promoção da igualdade racial, a preservação cultural e o desenvolvimento socioeconômico de negros. No Instituto, pude participar de discussões e decisões importantes, como, por exemplo, a criação do Conselho de Promoção da Igualdade Racial, Lei Municipal nº 680/07.

Outros momentos importantes, que trouxeram muito aprendizado e conhecimento, estão relacionados a Políticas Públicas de Ações Afirmativas, como a participação nas conferências municipal e estadual de Promoção da Igualdade Racial, no grupo executivo intersetorial. Tudo isso se tornava visível quando, a partir das demandas das Conferências Municipais, foi construído um plano de ação para a implementação do I Plano de Igualdade Racial do Município de Porto Seguro, em 2011.

Hoje, o Setor de Igualdade assumiu o formato de uma Superintendência, de luta e conquista pelos direitos dos negros.

Em 2008, fui contratada pelo Estado da Bahia para assumir a Coordenação do Centro de Cultura de Porto Seguro-Espaço Cultural, por uma reivindicação do Movimento Cultural da Região. Tracei um panorama da cultura do território, e, por nove anos, este foi o meu lema: a cultura como transformação.

De 2012 a 2016, cursei Serviço Social na Universidade Anhanguera – *Campus* Porto Seguro. No mesmo ano, fui candidata a Vereadora pelo PSOL no Município de Porto Seguro.

Em 2019, entrei no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia –UFSB, com o intuito de adquirir ainda mais conhecimento pessoal e também contribuir com a Política Municipal de Promoção de Igualdade Racial.

1INTRODUÇÃO

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é racismo estrutural. (Grada Kilomba, 2016).

A pesquisa, realizada em Porto Seguro, Bahia, é um estudo de caráter histórico com cunho exploratório e qualitativo, desenvolvido a partir da observação das ações que corroboraram para o surgimento do Instituto Sociocultural Brasil Chama África (ISBCA) e em consequência de ações organizadas para o fomento de políticas públicas municipais de Promoção da Igualdade Racial no município.

A escolha do ISBCA deve-se ao fato de este figurar como o primeiro Movimento Negro organizado e oficialmente registrado em Porto Seguro-BA, sendo o principal responsável pela implementação de políticas essenciais à temática em questão nesse município.

Em relação à metodologia utilizada, essa envolve o levantamento bibliográfico, histórico e cronológico, por intermédio de dados recolhidos junto a Órgãos Públicos Municipais, publicações no *Diário Oficial do Município*, artigos em jornais locais e registros em Atas de reuniões do ISBCA. Para tanto, este estudo se caracteriza, em geral, como pesquisa bibliográfica e qualitativa.

De acordo com Creswell (2010, p. 43), a abordagem qualitativa é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Nesse sentido, tendo em vista que a pesquisa qualitativa está pautada nos processos com seus desdobramentos e significados, vale considerar para este estudo dados quantitativos coletados nos últimos 20 anos, objetivando contextualizar ações e buscar elementos para mensurar informações alusivas à promoção da igualdade racial no município de Porto Seguro-BA.

Na mesma lógica, Lakatos e Marconi (2003) pontuam ser a abordagem qualitativa uma pesquisa que possui como objetivo analisar e interpretar aspectos mais relevantes, apresentando a complexidade do comportamento humano e fornecendo análises aprofundadas sobre as atividades investigativas, as ações e as tendências do comportamento humano.

O campo de pesquisa, com base nos escritos de Minayo (2012), elabora-se no espaço-tempo no qual se utiliza um recorte de investigação na busca de se compreender o fenômeno

observado. Sendo assim, o campo de estudo, tal qual ocorre em toda pesquisa qualitativa, foi construído a partir de uma interação relacional e subjetiva com o objeto estudado, que são pessoas e suas relações entre si e com instituições afins às suas percepções e realidades. Dessa forma, este estudo tomou, como foco, negros e negras do município de Porto Seguro-BA, na sua busca por se organizarem como integrantes de uma instituição representativa do segmento afrodescendente, em torno de um ideal comum de promoção da igualdade racial.

Busca-se, portanto, um aprofundamento, no âmbito da proposta qualitativa, da compreensão dos acontecimentos estudados, em relação a ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social, interpretando-os segundo a perspectiva e a realidade dos participantes da situação em questão, sem preocupação com uma representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Dessa maneira, a interpretação, a consideração do pesquisador como principal instrumento de investigação e a sua necessidade de estar em contato direto e contínuo com o campo para buscar os significados dos comportamentos apresentam-se como características da pesquisa qualitativa.

Nessa mesma linha, segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa responde a situações particulares, preocupando-se, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, visto que se relaciona com o universo de aspirações, valores, atitudes, significados, motivações e crenças, fato que corresponde a um espaço mais significativo e profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A partir desse enfoque, ao se utilizar a pesquisa qualitativa, foram verificadas as relações entre trajetórias individuais e desses indivíduos com o ISBCA como instituição capaz de acolher os seus anseios dentro do contexto social que integram. Buscou-se, ainda, observar o processo de construção da Instituição, como também explorar, dentro de uma perspectiva de igualdade racial dos fenômenos estudados, as interações que eles estabelecem entre si, possibilitando, dessa forma, o fomento de políticas públicas afirmativas, o estímulo e o desenvolvimento de novas interpretações sobre a diversidade e a realidade do povo negro do município de Porto Seguro-BA.

Do ponto de vista da pesquisa histórica, faz-se a observação dos fatos referentes às ações efetuadas por um movimento negro libertador e de luta, ao longo do tempo, tomando como referência momentos específicos e de grande importância em épocas e contextos históricos. Segundo Pieranti (2008, p.11).

É necessário frisar, pois, a singularidade como limitação aos estudos que fazem uso da metodologia historiográfica. Eventos não podem ser encarados como passíveis de completa reprodução, sendo necessária uma individualização dos mesmos, o que demanda um conhecimento da realidade não só acerca das estruturas, como também da conjuntura. O trabalho do pesquisador parte, assim, de um obrigatório conhecimento generalizado sobre a conjuntura e as estruturas em análise, cabendo a ele saber julgar e separar perspectivas e distorções constantes das fontes por ele pesquisadas. Para isso, as opções feitas –seja em relação a fontes, seja em relação às suas interpretações– devem ser claras, revelando as limitações do estudo e da metodologia utilizada.

Dessa forma, buscou-se uma visão geral sobre fatos e movimentos que compõem um processo de luta, saindo de uma perspectiva geral, no âmbito federal, para o estadual, culminando com um olhar mais aprofundado em relação ao Município de Porto Seguro-BA e à essência expressa no objetivo deste estudo, com foco no Instituto Sociocultural Brasil Chama África e nas suas contribuições à Promoção da Igualdade Racial no município em questão, com o fomento e incentivo à efetivação de Políticas Públicas afins.

Isso posto, o objetivo geral desta pesquisa foi detectar as influências do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no fomento a políticas de promoção da igualdade racial no município de Porto Seguro-BA, com vistas à formulação de registro historiográfico. Seus objetivos específicos foram assim discriminados:

- Identificar as primeiras ações que deram origem ao surgimento de um Movimento Negro organizado no município de Porto Seguro;
- Pontuar as atividades desenvolvidas pelo Instituto Sociocultural Brasil Chama África no fomento às políticas públicas municipais de promoção da igualdade racial em Porto Seguro;
- Especificar órgãos de referência à promoção da igualdade racial implantados no município com o incentivo das ações afirmativas realizadas pelo ISBCA;
- Organizar publicação em formato digital e impresso referente à história do Movimento Negro em Porto Seguro, com ênfase na importância do ISBCA na implementação de políticas públicas direcionadas ao povo negro no Município.

Ademais, tendo em vista a metodologia qualitativa adotada, foi utilizado, como instrumento de pesquisa, um questionário *on-line* com perguntas abarcando os fatos que levaram à criação do Instituto Sociocultural Brasil Chama África e à participação ativa de indivíduos nas ações desenvolvidas por essa Instituição.

Outro objetivo proposto é socializar conhecimentos oriundos da pesquisa, relativos ao ISBCA no contexto histórico-social de Porto Seguro, para firmá-los com a publicação de livro impresso e digital, como referência à luta do povo negro por igualdade de direitos e contra o racismo no Município, com ênfase na importância do ISBCA na implementação de políticas públicas direcionadas ao povo negro da região.

Quanto a esse aspecto, o desejo de elaboração deste estudo se originou da observação em relação à necessidade de um Movimento Negro organizado, de uma política municipal para promoção da igualdade racial e, conseqüentemente, de sua implementação. Para tanto, inicialmente, foram compiladas informações sobre a criação do ISBCA e, em seguida, levantadas as ações realizadas pelo Instituto em suas parcerias e especificadas as conquistas alcançadas. Ademais, com a finalidade de melhor embasar fatos e fortalecer este estudo, foram estudados textos de diferentes pesquisadores e pesquisadoras, os quais têm investigado os conceitos e as concepções sobre movimentos negros e políticas públicas de promoção da igualdade racial, e cujas orientações metodológicas foram utilizadas na estruturação da pesquisa.

Nessa lógica, para sistematizar o conhecimento em torno deste estudo, o qual tem seu foco na história do Movimento Negro em Porto Seguro e na influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no processo de criação da Política Municipal de Promoção da Igualdade Racial, traçou-se um paralelo entre as vivências da pesquisadora como mulher negra de periferia e envolvida em lutas do Movimento Negro no Rio de Janeiro e na Bahia, e o processo histórico da presença do povo negro no Brasil.

Dessa maneira, inicialmente apresenta-se um Memorial da pesquisadora. Após este capítulo introdutório, no Capítulo 2, discorre-se sobre o Movimento Negro, com um olhar geral para o País e para o Estado da Bahia. Já, no Capítulo 3, foca-se no Movimento Negro no município de Porto Seguro-BA, identificando as primeiras atividades e as personagens que deram origem ao surgimento do ISBCA.

Mais especificamente, no Capítulo 4, o olhar volta-se para a criação do Instituto Sociocultural Brasil Chama África e a cultura negra no município de Porto Seguro, observando as políticas municipais implementadas em decorrência das suas ações. Pontuam-se as atividades desenvolvidas pelo ISBCA no fomento às políticas públicas municipais de promoção da igualdade racial, especificando órgãos de referência implantados no município com o incentivo das ações afirmativas realizadas pelo instituto.

O ponto inicial parte da escravização e dos processos de luta e libertação que se seguiram e são observados numa perspectiva descritiva da luta, das associações e dos movimentos negros pré e pós-abolicionistas.

Sob essa ótica, há 133 anos, no dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel, oficialmente assina a Lei Áurea, abolindo a escravatura no Brasil. Por muitos anos, toda a responsabilidade pelo fim de um período extremamente nefasto para o povo negro foi a ela atribuída, invisibilizando, na história oficial, as lutas de negros e negras pela liberdade e as pressões externas e internas para que a prática da escravização humana fosse abolida no país.

O abolicionismo e as revoltas que precederam a ação foram partes de um processo gradual que se desenrolou por todo o Brasil Império. Esse processo foi permeado por ações que vão desde a orquestração de fugas, a formação de quilombos, até a promulgação de leis anteriores com tratativas sobre a questão. As pressões internacionais, vindas principalmente da Inglaterra para pôr um fim ao tráfico humano, foram fundamentais para uma tomada de posição pelo Império brasileiro.

Vale pontuar que, antes mesmo do Império, ainda enquanto Brasil Colônia, durante os anos iniciais do século XIX, pressões externas já haviam sido expressas, e as discussões referentes ao fim do tráfico de escravos fervilhavam nas vozes de políticos, poetas e dos escravos mais “ousados”. Foi na segunda metade desse século, porém, que as pressões se intensificaram com a ideia da proibição da escravização de seres humanos. Vale ainda lembrar que nesse contexto, no qual a Inglaterra foi crucial, as questões humanitárias não se sobrepunham aos interesses econômicos. Os ingleses, envolvidos por uma revolução industrial e pela busca por novos mercados, buscavam o lucro. A mão de obra escrava em outros países em desenvolvimento reduzia custos de produção, o que poderia afetar a economia britânica. Portugal, que tinha grande interesse em atrasar o fim do tráfico, buscou no Congresso de Viena, em 1815, continuar exercendo o seu papel. Foi assim instituída, nesse encontro, a proibição do tráfico ao norte da Linha do Equador, continuando a Colônia com seus escravos e escravas, fonte principal da sua mão de obra para o trabalho.

Apenas em 1831, com a instituição da Lei Feijó, o tráfico chega ao fim no Brasil. Entretanto, a escravização permanece e muitas embarcações continuam fazendo o tráfico clandestinamente. Em 1822, ano da Independência, a população escrava foi estipulada em um terço da população geral; já em 1850, 30% da população brasileira era composta por escravos e escravas (ALBUQUERQUE, 2006).

No Brasil do século XIX, as lutas contra o escravagismo foram travadas principalmente no ambiente político entre grupos escravagistas, emancipacionistas e abolicionistas

e, paralelamente a esse embate político, o povo negro, ainda que de maneira “crua” e “instintiva”, organizava-se em fugas e revoltas. De acordo com Albuquerque (2006, p. 134):

Durante a primeira metade do século XIX, os escravos da Bahia ficaram conhecidos em todo país pelas rebeliões que promoviam. Eles deixavam claro que não iriam se sujeitar sem luta. Naquele mesmo período, a vitória negra em São Domingos, atual Haiti, deixou os senhores em desassossego.

Não podia ser diferente, pois naquela ilha do Caribe uma revolução escrava, iniciada em 1791, marcou o fim da escravidão e a criação de um país independente. Temia-se que o desfecho haitiano enchesse de ânimo os escravos daqui. E esse não era um medo infundado, pois há registro de que no Brasil escravos e libertos sabiam sobre as ações dos rebeldes em São Domingos e os tinham como exemplo.

Nesse sentido, ainda segundo Albuquerque (2006), a Revolta dos Malês, na Bahia, ocorrida em 1835, foi de grande repercussão. Isto é, junto a ela movimentos populares abolicionistas que buscavam a compra de cartas de alforria, além de promoverem a impressão de periódicos e panfletos contrários à escravização, foram parte do denominado “proto”-Movimento Negro e de simpatizantes por liberdade, conquista de direitos e inserção destes na sociedade. Segundo Albuquerque (2006, p.134):

A Bahia era, na primeira metade do século XIX, o maior produtor de açúcar no Brasil. No Recôncavo baiano, como se designa a região que circunda a Baía de Todos os Santos, estavam engenhos mais produtivos. Trata-se de uma região formada por mangues, baixios, tabuleiros, ilhotas e vales margeando o mar. São terras férteis e propícias para o cultivo da cana-de-açúcar. Toda a atividade dos engenhos era movida pelo trabalho escravo dos africanos e crioulos. A grande concentração de escravos tornou o Recôncavo baiano especialmente propenso a revoltas escravas. De fato, ali a rebeldia escrava deixava os senhores em sobressalto.

Nesse período, vozes como a de Joaquim Nabuco, Luiz Gama, José do Patrocínio, Abílio Borges e André Rebouças foram fundamentais e constituíram um coro que propagava a abolição. Por outro lado, o Império brasileiro e a classe dominante no período, duramente pressionados por a partir de fortes pressões nacionais e internacionais, buscaram formas para evitar um grande levante que poderia desestabilizar a ordem social. Ou seja, queriam evitar uma luta como a ocorrida no Haiti, quando os escravos levaram o país à independência numa forte luta contra os senhores. Na sua visão, se a libertação ocorresse de uma maneira legalizada poderia acalmar os ânimos e traria um cunho de humanidade e generosidade por parte dos donos do poder. Assim, entre 1850 e 1888, um processo gradual foi sendo

estabelecido, desde a Lei Eusébio de Queirós, proibindo o tráfico de escravos, passando pela Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885), retardando o desfecho e acalmando as pressões até chegar à própria abolição (1888).

À vista disso, a promulgação da Lei Áurea fecha, assim, um processo que perdurou por vários anos, entretanto, apesar de instituída, não projetou condições reais para que negros e negras libertos tivessem acesso a elementos fundamentais para a vida, como trabalho, saúde e educação. Isso, inevitavelmente, criou grandes problemas na sociedade brasileira e no desenvolvimento socioeconômico dos negros. Conforme Hélio Santos, após ser liberta, a população negra parte da senzala para as margens da sociedade:

Mais de 700 mil pessoas foram colocadas de uma só vez em disponibilidade num mercado de trabalho fictício. Fictício porque, após 350 anos de escravidão, o que tínhamos no Brasil era um desemprego estrutural imenso. A magnitude numérica desse fato foi tão aguda que ainda hoje se faz sentir os seus efeitos danosos à população negra. (SANTOS, 2001, p. 79).

Em outras palavras, essa “libertação” os deixou convivendo em condições análogas à escravidão. Vale ressaltar que, concomitantemente a essas leis firmadas, mesmo antes da Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, o governo imperial apoiou e incentivou a imigração de origem europeia, para substituição da mão de obra negra nas terras brasileiras, como a do senador Vergueiro, latifundiário paulista, em 1847. Anos depois, com a abolição e a imigração firmadas, fecham-se as portas para o povo negro no que tange ao estabelecimento de relações trabalhistas que poderiam dar melhores condições de vida. Cria-se, assim, o que muitos chamam de “escravização moderna”.

Nessa sequência, a promulgação da República, em 1889, trazendo no seu escopo a ideia de democratização social e econômica, apesar de sofrer grande influência das questões abolicionistas, não traz avanços efetivos às condições de vida do povo negro, o qual passa a fazer a vida em torno do trabalho informal, “bicos” e relações assalariadas precárias. Além disso, aliaram-se a esses problemas as questões raciais de preconceito. Instalou-se uma política eugenista que visava ao disfarçado extermínio de uma raça, por meio de uma política de Estado, via branqueamento/miscigenação, proibição de suas línguas maternas, de sua religiosidade ancestral, de hábitos culturais e pela negação dos direitos básicos à sobrevivência.

Nesse sentido, a Lei Áurea, apesar de proibir que o povo negro fosse tratado como mercadoria, não conseguiu apagar a ideia propagada por tendências científicas do século XIX de que pertencia a uma raça inferior. O eugenismo, como exemplificado por Valdeir Del Cont,

em seu artigo “Francis Galton: Eugenia e Hereditáriedade” (2008, p.202), está focado no princípio da seleção natural como forma de assimilar pretensões galtonianas de identificação de melhores características humanas, como se faz na escolha/seleção de animais. Nesse caso, mesmo não sendo diretamente direcionado a ideais racistas, por ser focado na visão biológica de hereditariedade, foi inspiração distorcida para segregações, separações e negações que eclodiram no final do século XIX, transitaram por todo século XX e ainda hoje perduram.

Destarte, parte dessas questões a necessidade do povo negro de viver em uma luta contínua e desigual para sua sobrevivência. Luta que se caracterizou e se caracteriza por embates cotidianos que culminaram, no século XX, na formação de movimentos sociais negros, organizados, visando fortalecer a luta coletiva por direitos e a promoção da igualdade racial. Na verdade, o século XX traz, desde as primeiras décadas, marcas de uma nova luta. Desse modo, negros e negras, apesar de passarem da condição de escravizados/as à de cidadãos/ãs livres, não detinham direitos reais, conforme estabelecidos na Lei Máxima, a Constituição da República Federativa do Brasil.

Nesse contexto, Abdias do Nascimento, em depoimento expresso no documentário da TV 'Abdias: Raça e luta', produzido em 2012, com direção de Maria Maia, bem expressa as dificuldades enfrentadas pelos negros quando diz:

[...] desde pequeno eu fui um inconformado com a situação de falta de apoio que aquela população saída do cativeiro não mereceu das classes dominantes [...]. Assim, mesmo inconsciente de toda a extensão e das estratégias da classe dominante para manter dominado, o chamado povo recém-liberto, eu sempre fui um indignado, desde a minha infância.

Indubitavelmente, é desses “indignados” que nasce a necessidade de organização (MNU, 2000).

Diante do exposto, justifica-se plenamente esta pesquisa. Em outros termos, ela surge da necessidade de se formular um panorama histórico do Movimento Negro na cidade de Porto Seguro, Bahia, tendo como norte a criação do Instituto Sociocultural Brasil Chama África – ISBCA e as ações afirmativas por ele realizadas, enquanto Movimento Negro Organizado, na busca da implementação de programas, projetos e uma política pública municipal voltada para a promoção da igualdade racial.

Outrossim, são várias as razões que fazem emergir um estudo desse tipo, dentre as quais enfatiza-se a importância de um trabalho historiográfico para firmar uma luta não apenas

municipal¹, mas que vai além das fronteiras locais chegando ao estado, ao país e a um contexto mundial, permeado historicamente pelo embate do povo negro contra o racismo. Assim, buscaram-se dados que pudessem contribuir para que estudantes, pesquisadores, historiadores e sujeitos que integram movimentos negros tenham uma visão do que foi a luta deste povo no município de Porto Seguro-BA e assim divisar um novo futuro e ampliar suas perspectivas.

Vale também ressaltar a importância histórica de Porto Seguro no contexto do território brasileiro, por ser oficialmente o local onde, em 22 de abril de 1500, ocorreu o (des)encontro entre a civilização europeia, representada pela esquadra portuguesa de Pedro Álvares Cabral, e os povos que habitavam a hoje denominada Costa do Descobrimento. Este local se constituiu em marco inicial para relações históricas que culminaram, além do extermínio dos povos originários, na escravização de africanos e africanas no Brasil durante o processo de colonização. A contextualização histórico-geográfica faz-se, dessa forma, necessária para maior compreensão dos fatos que corroboraram a escolha da temática e contribuíram para a construção dos argumentos que permeiam o estudo em questão.

Nesse contexto, torna-se necessário observar a importância de olhar para Porto Seguro, simbolicamente falando, como a “Terra Mãe” do Brasil, território primal que por muitos anos seguiu como uma Vila de Pescadores e que, 500 anos após o intitulado “Descobrimento”, viu explodir, nas comemorações oficiais do governo brasileiro a este quinto centenário, uma revolta dos índios e a criação de um “quilombo simbólico” na região conhecida como Cabralhã, próxima à Praia da Ponta Grande. Essa iniciativa do povo negro representa sua resistência contra os anos de escravidão, além de alertar para o descaso e a opressão nos 111 anos que se seguiram após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888.

O ano de 2000 marca o início da abordagem deste estudo, com o registro de uma primeira manifestação coletiva no território contra as agruras deste processo de exclusão que perdurou e ainda perdura na república brasileira. Desse modo, as manifestações ocorridas durante a comemoração oficial dos 500 anos do “Descobrimento”, mostram que o movimento negro e os índios se rebelaram contra a permanente truculência do poder público. Foi em meio à construção desse “quilombo”, trabalhando junto ao poder público e vendo a opressão dos seus agentes oficiais na tentativa de abafar o movimento expressivo de reivindicação de direitos que surgiu, pela primeira vez, a ideia de se criar um Movimento Negro organizado no Município, o que veio a se concretizar somente após oito anos, nas primeiras reuniões

¹Instituto Brasil Chama África – ISBCA. Relato da diretora Gilmaria Menezes (2016).

realizadas na comunidade – centro e bairros periféricos –, com o intuito de formalizar a união de um grupo para discussões sobre a promoção da igualdade racial, culminando, em 2007, na criação do Instituto Sociocultural Brasil Chama África.

Frisa-se, dessa maneira, a importância de se formalizar os registros encontrados, partindo dessa experiência de luta para chegar à conquista de espaços de poder para negros e negras, através da implantação de políticas públicas efetivas em Porto Seguro-BA. Não obstante, a pesquisa buscava, ainda, dar subsídios para que, partindo de dados de uma análise histórica, fossem fortalecidos novas experiências, novos movimentos, sujeitos e o próprio ISBCA, como elementos identificados nesta luta cotidiana e constante pelos direitos do povo negro.

Por fim, em referência ao título deste estudo, é relevante dizer que foi pensado de maneira a dar ênfase aos principais sujeitos da organização política e das vozes e lutas antirracistas dos movimentos negros no Brasil, na Bahia, e, especificamente, em Porto Seguro, e, ao mesmo tempo, observar que a história desses movimentos está intrinsecamente ligada a história geral do Brasil.

Muito foi realizado por negros e negras na dura resistência ao cativeiro e à escravidão instituída no Brasil e para a consequente busca por sua liberdade. A história do Movimento Negro no país começa desde que o primeiro africano escravizado pisou na terra que viria a ser denominada Brasil. Oficialmente, não existem registros que comprovem uma data oficial de quando os africanos passaram a ser objeto do tráfico humano, sendo encaminhados ao trabalho nas terras brasileiras. Contudo segundo o professor e historiador Vítor Hugo Garais, em publicação no *Portal Geledés* (2012), estudos mais aceitos apontam Jorge Lopes Bixorda como o primeiro que, em 1538, no papel de arrendatário de pau-brasil, teria trazido da África para a Bahia os primeiros escravos.

As fugas, as organizações em quilombos e as revoltas foram marcos históricos significativos no período escravagista, entretanto a nova condição de libertos em uma república, em um novo século, trouxe novas aspirações de luta por igualdade de direitos. Dessa busca, surgem, no início do século XX, organizações sociais negras das quais se destacam, entre outras: em 1931, a Frente Negra Brasileira– FNB, movimento representativo afro-brasileiro voltado para discutir e pontuar soluções para a população negra na década de 30; a Associação dos Brasileiros de Cor, em Santos-São Paulo; e, no Rio de Janeiro, o Movimento Brasileiro Contra o Preconceito Racial. Como pontua Albuquerque (2006, p.23):

Mesmo vigorando essa ideologia, os negros nunca se acomodaram e nem aceitaram plenamente o estabelecido. Uma prova cabal foi a criação de várias organizações negras de cunho político e reivindicatório em vários estados da federação. Assim, em 29 de outubro de 1926, foi fundado em São Paulo, o Centro Cívico Palmares por um grupo de jovens negros que faziam parte de jornais e as sociedades existentes na cidade. O Centro Cívico Palmares representou um marco de grande importância para a mobilização dos negros do ponto de vista político. O seu surgimento antecede a Revolução de 1930 e a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB).

Assim dizendo, as associações, de caráter político, informativo, recreativo e beneficente, foram um espaço de poder negro no Brasil, de onde saíram diversos ensinamentos para os negros através da educação e de conhecimentos básicos de comportamento. A sua história remete ao grupo liderado por José Correia Leite, o qual realizou o primeiro Congresso Negro para apresentar uma proposta diferente do que já havia existido: a grande preocupação era que as discussões fossem ampliadas e não ficassem apenas entre os negros e negras. Nesse sentido, solicitaram um congresso aberto com a participação de políticos e governadores. Evaristo de Moraes, advogado e historiador, e Arlindo dos Santos, historiador e presidente da Frente Negra Brasileira, foram presenças importantes e atuaram como secretários do Congresso.

Os negros se reuniam na Praça da Sé em São Paulo. Surgiram ali as sementes da Frente Negra Brasileira, que eclodiam, trazendo consciência para os negros. Posteriormente, foi criada a escola da FNB, escola para cidadania, esporte, música, que lança um olhar sobre o papel da mulher negra dentro do contexto educacional e sobre a necessidade de trazer negros e negras para uma rede formal de ensino. Como argumenta a pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira Lopes (2011, p.35- 36):

O apelo para a educação caminhou no sentido de argumentar que os princípios básicos, morais e éticos, deveriam ser ensinados em casa. A mulher estaria incumbida desta tarefa. Tanto a educação formal quanto a informal serviriam para conquistar grandes postos na sociedade. Por conta da falta de política educacional e institucional ou da acomodação dos negros, este projeto ficou comprometido, na visão da imprensa e de muitos negros, que por sua vez estavam fora dos bancos escolares. Era preciso trazê-los para o ensino, para as “escolas” das associações (particularmente para a escola da Frente Negra Brasileira e do Centro Cívico Palmares).

Nesse âmbito, a atuação da Frente abriu um espaço significativo à participação das mulheres negras, as quais contribuíam na organização de um ambiente de aprendizado, como cursos primário, admissão e na construção de uma ideologia para trazer o conhecimento mais amplo para a comunidade negra. A mulher negra atuava de forma a ajudar economicamente na arrecadação de recursos. O departamento feminino organizava a parte financeira,

contribuindo com a organização de eventos para angariar fundos de manutenção da entidade e ampliação das ações. Segundo Albuquerque (2006, p. 265), os objetivos da Frente Negra Brasileira visavam a uma integração do povo negro à sociedade da época:

Enquanto reivindicavam do governo brasileiro a implementação de políticas de inclusão, as lideranças da FNB afirmavam que caberia ao próprio negro cuidar de sua integração na sociedade da época, adequando-se às exigências do mundo moderno. Isto queria dizer, entre outras coisas, deixar de lado práticas culturais de matriz africana, vestir-se de acordo com os padrões vigentes e evitar qualquer tipo de problema com a polícia. Nessa lógica, se os negros estavam excluídos dos postos de trabalho bem remunerados isso se devia, em grande parte, a certa relutância deles em abandonar costumes e comportamentos herdados da África e do tempo da escravidão.

A Frente Negra Brasileira foi muito combatida por ser um movimento nacionalista que buscava a promoção da igualdade racial, em um período no qual o racismo predominava, com suas bases fincadas na figura do Estado. A FNB transformou-se em um partido político em 1936, quando, por intermédio da sua militância jovem, chegou-se à conclusão de que a política era quem dava as ordens no Brasil. Dessa forma, julgavam necessária a fundação de um partido para dar espírito de coletividade aos negros e maior visibilidade para as suas lutas. Através do associativismo, procurou-se um órgão para conscientizar negros e negras a lutarem contra o racismo instituído, entretanto, sendo a FNB uma conquista no âmbito político oficial, a sua duração enquanto representatividade política não perdurou, visto que, em 1937, o partido foi extinto após decreto do presidente Getúlio Vargas, que colocou na ilegalidade todos os partidos políticos.

O movimento negro assustou o meio político quando se tornou um partido. Na época, um dos militantes, Justino Braga, recebeu um telegrama do presidente Getúlio Vargas, notificando o fechamento da Frente Negra Brasileira. Uma grande perda. Nessa época, outro segmento da sociedade atraía a ação da elite dominante: a imprensa. E, nesse caso, a imprensa negra paulista teve um papel fundamental. Com suas diferentes perspectivas para a comunidade negra, trouxe vários ensinamentos. Os jornais *Clarim da Alvorada* (1929-1940), *A Voz da Raça* (1933-1937), *Tribuna Negra* (1935), *O Novo Horizonte* (1946-1954) e *Cruzada Cultural* (1950-1966) foram marcos do trabalho jornalístico voltado para as questões negras. Em relação à importância da imprensa para o Movimento Negro, a pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira Lopes (2011, p.29) pontua:

Os estudiosos da imprensa negra reconheceram a importância dos três jornais selecionados no combate à discriminação e na organização dos negros na cidade de São Paulo. A luta travada pelos militantes (jornais e associações) foi caracterizada como uma Segunda Abolição. Para os mais frentenegrinos, A Voz da Raça, sua associação e seus militantes constituíram o movimento de combate ao racismo no Brasil. Preferimos dizer que foi possível extrair de todos os jornais informações significativas sobre a população negra e relações sociais.

Outro espaço de poder que merece destaque no final da primeira metade do século XX (1944-1968) é o Teatro Experimental do Negro – TEN, o qual se identifica como um movimento social negro em desenvolvimento, que nasceu para contestar a discriminação racial, utilizando-se, para isso, da arte enquanto teatro. Por meio da formação de atores e atrizes negros/as e dramaturgos/as negros/as, que através da arte resgataram a herança africana, essa Instituição deu, a negros e negras, oportunidades, entre outras, de desenvolverem trabalhos de caráter temático inovador e libertador. Os seus participantes eram procurados entre os empregados do setor fabril, domésticos, desempregados, favelados... Muitos foram alfabetizados durante o processo de participação nas atividades. Em relação ao TEN, no seu livro *Memória Viva*, Abdias do Nascimento (2006, p. 33) diz:

O Teatro Experimental do Negro visa reabilitar e valorizar a identidade, a herança cultural e a dignidade humana do afrodescendente. Une a atuação política à afirmação da cultura de origem africana, representando um avanço na luta contra o racismo no século XX. Oferece cursos de alfabetização e cultura geral e organiza eventos, como o 1º Congresso do Negro brasileiro (1950). Cria o Comitê Democrático Afro-Brasileiro em 1945. Advoga direitos trabalhistas para a empregada doméstica e políticas públicas afirmativas para a população afrodescendente.

O TEN criou ainda um jornal denominado *Quilombo* (1948-1950), trazendo a cada número as reivindicações da comunidade negra, como o ensino gratuito, entre outras solicitações, com base em medidas culturais e de ensino, como também o esclarecimento e a propagação de uma imagem positiva do negro ao longo da história.

O lugar e o papel do povo negro na história, bem como a busca por direitos, inserção no mercado de trabalho, qualificação profissional eram pontos importantes do programa educacional dessa organização (NASCIMENTO, 2004). Ou seja, o TEN deixou herdeiros e saberes. A sua luta pela visibilidade dos negros e das negras na cena artística e cultural, na literatura e na mídia continua, até hoje, influenciando a formação de novos grupos em São Paulo e outros estados. Conforme Gomes (2017, p. 49):

A emancipação entendida como transformação social e cultural, como libertação do ser humano, esteve presente nas ações da comunidade negra organizada, com todas as tensões e contradições próprias desse processo, tanto no período da escravidão quanto no pós-abolição e a partir do advento da República.

Outra vertente de atuação do Movimento Negro voltou-se para a educação como principal fonte para a produção de sujeitos negros com capacidade para competir igualitariamente no mercado de trabalho, minimizando gradativamente as diferenças sociais existentes no País. Dessa forma, representantes negros se empenharam na construção de discussões sobre questões afins em seminários, palestras e fóruns (estes principalmente voltados para questionamentos e inserções de propostas na política educacional do país). Isto é, constituiu-se em uma luta da população negra por uma educação inclusiva para os negros e negres que seguiu atravessando todo o século XX.

Os anos 60 tiveram um início conturbado, o mundo vivia o período de “Guerra Fria”, com Estados Unidos e União Soviética medindo forças e influenciando países em torno do contraste entre capitalismo e socialismo. Nesse contexto mundial, crescem no Brasil movimentos diversos com cunho político, econômico e social. As falas negras começam a se levantar em busca de mudanças efetivas no cenário nacional. As supostas alianças entre o presidente João Goulart e a União Soviética e a Revolução de Cuba, no final dos anos 50, trazem, aos detentores do poder no Brasil, insegurança em relação ao que poderia ocorrer com essa aproximação do País ao socialismo. Dessa forma, setores conservadores da sociedade se organizam e, em 1964, instala-se no Brasil a ditadura militar. O Serviço Nacional de Informações (SNI), criado em 13 de junho de 1964 com a finalidade de orientar ações de informação e contrainformação, produziu diversos relatórios referentes a temáticas julgadas como atentatórias à segurança nacional.

Em 14 de julho de 1978, um desses documentos relata uma manifestação ocorrida nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. O que foi descrito como um ato contra o Brasil, na realidade, era uma ação voltada para além dos problemas econômicos e sociais brasileiros, visto que havia naquela escadaria sujeitos negros cientes do seu papel na luta por uma transformação social que trouxesse, verdadeiramente, mudanças efetivas e melhorias significativas à vida de negros e negras brasileiros. Dessa forma, o referido encontro foi o início daquilo que se tornaria, mais adiante, o Movimento Negro Unificado (MNU), uma das entidades do Movimento Negro surgidas no Brasil no final da década de 70. Segundo essa perspectiva, como afirma Albuquerque (2006, p. 302):

Para mudar situações claras de desigualdade social e econômica, são necessárias medidas voltadas para promover o grupo que se encontra em posição de desvantagem. Essas medidas são conhecidas como ações afirmativas, quer dizer, a adoção de políticas públicas e privadas (de empresas, por exemplo) para corrigir as desigualdades. Representam uma forma de compensação ou reparação à discriminação sofrida no passado, evitando que o passado se reproduza interminavelmente no presente e se projete para o futuro.

Aliada a esses acontecimentos, ocorre a chegada ao Brasil de Abdias do Nascimento, professor em Nova Iorque, conhecido na luta antirracista e ligado aos movimentos de libertação que se formam na África. Sua presença constituiu um importante contributo para que se firmasse a instalação de um movimento unificado.

Inegavelmente, os anos 70 também abriram as portas para o surgimento de novas lideranças, com a luta contra a discriminação racial e pela liberdade democrática. Nesse sentido, quase no final da década, em 1978, em reconhecimento à importância de Zumbi, o dia 20 de novembro (data de sua morte) foi transformado no Dia Nacional da Consciência Negra. Ainda em 1978, surge, com grande força, o MNUCDR (Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial) após protestos contra a morte do jovem paulista Robson, atacado covardemente por policiais, depois de ser acusado de furto na banca de uma feira livre em São Paulo. Historicamente, o Movimento Negro Unificado (MNU), ao organizar o primeiro grande protesto no País contra o racismo, angariou o apoio da Imprensa via ABI – Associação Brasileira de Imprensa, que passou a dar uma maior atenção às lutas e demandas em questão, trazendo ainda a adesão à causa religiosa dos afro-brasileiros por setores mais democráticos da Igreja Católica, bem como da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entre outras associações, ordens e agremiações que se engajaram na luta.

Pode-se dizer que, dessa amplitude, nasce uma nova era que traz um Movimento Negro moderno, com uma base militante mais disciplinada, organizada, nucleada e focada na luta. Busca-se, portanto, fortalecer a luta pela construção de uma frente que unificasse a luta antirracista. Nesse contexto, o MNU consegue firmar uma sólida política de alianças, e o termo “Movimento Negro” se fortalece, firmando-se como conceito e passando a figurar como um segmento novo de movimento de massas. Cresce, pois, o apoio popular. As adesões vindas de sujeitos ligados a setores da educação, das artes, de sindicatos e de profissionais de áreas diversas se multiplicam, e, com isso, o papel do Movimento Negro desponta no cenário político nacional.

Dessa maneira, durante os anos 80, observam-se a ampliação e o fortalecimento dos núcleos do MNU por todos os Estados da Federação. Vê-se ainda o surgimento de diversas

entidades negras se intensificam os encontros na área cultural, como também junto a setores políticos e acadêmicos. Encontros estaduais e nacionais passam a ser constantes e firmam-se nas comunidades e nos espaços públicos.

O ano de 1988 foi um marco, visto que trouxe consigo o Centenário da Abolição. Diversas entidades voltadas para a causa negra se organizaram na promoção de eventos que proclamavam o enfrentamento nacional ao racismo. O acontecimento trouxe grande destaque à promoção da igualdade racial, pelo quantitativo de pessoal que reuniu. Saindo da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, a maior marcha política da história do Brasil contra a ditadura racial levou consigo um coro, com palavras de ordem, de cerca de 5.000 pessoas (com bandeiras, faixas, camisetas), as quais marcharam rumo à Central do Brasil em um grande evento de protesto que culminou em frente à estátua de Duque de Caxias, no antigo Ministério da Guerra. Mas, estando nos anos 80, ainda com a redemocratização em curso, as tropas do Exército interferiram, proibindo a aproximação dos manifestantes dos prédios.

Os anos 80 se destacaram ainda em função da Lei Caó² – Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989 – sancionada pelo presidente José Sarney, a qual, no seu artigo primeiro, expressa que “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1989). Abria, portanto, espaço para denúncias e para que fossem tomadas providências jurídicas contra atos racistas. A legislação brasileira firma, assim, espaço para que se juntem à luta antirracista advogados, sociólogos, assistentes sociais, com o propósito de dar apoio mais consistente ao trabalho implementado pelas entidades de defesa e promoção da igualdade racial.

Por conseguinte, com a promulgação da Lei Caó, a partir dos anos 90 se fortalecem as ações organizadas pelas entidades negras em diversos Estados. Há nesse período uma cobrança forte para que os governos federal e estaduais operacionalizem ações novas e mais consistentes para o enfrentamento ao racismo e para a promoção da igualdade racial, além de medidas concretas que promovam o acesso de negros e negras aos espaços de poder e para a tomada de decisões pertinentes à causa.

Destaca-se, nessa década, a “Marcha Zumbi dos Palmares, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, em 20 de novembro de 1995, no aniversário de 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, reunindo em Brasília cerca de 30 mil pessoas com o propósito de denunciar a ausência de políticas públicas específicas para a população negra, bem como o racismo e o preconceito. Nesse dia, o presidente Fernando Henrique Cardoso, após se

² Deputado Federal pelo PDT Carlos Alberto de Oliveira, autor da Lei sancionada..

encontrar com lideranças da Marcha, assinou um decreto instituindo o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra ecolocando todas as principais questões e reivindicações expressas pelos movimentos na agenda política governamental. Foram, assim, de certa forma, reconhecidas pelo Estado Brasileiro as injustiças cometidas contra a população negra no decorrer da história do Brasil. E a luta do Movimento Negro firma, nesse momento, uma grande conquista. Segundo Gomes (2017, p.22):

O Movimento negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

Já a partir dos anos 2000, o Movimento Negro volta-se para uma luta focada nas políticas de ações afirmativas. Pontua-se, também, um olhar sobre as políticas já oficializadas e o futuro a ser delineado a partir das lutas anteriores e das conquistas. Nesse âmbito, a partir de 2003 – no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva –, nota-se o aprofundamento do debate em torno de questões necessárias no tocante ao acesso de negros e negras a uma Educação Básica com qualidade e ao Ensino Superior. Essa necessidade de maiores avanços em relação à implementação de políticas públicas efetivas e afirmativas leva a iniciativas que certamente merecem destaque.

Uma delas é a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR), em 2003. Ademais, nesse mesmo ano, é sancionada a Lei nº 10.639, alterando a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em 2004, o Conselho Nacional de Educação aprova o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004, os quais regulamentam e instituem *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira*. Em 20 de julho de 2010, ainda na gestão do presidente Lula, é instituído o *Estatuto da Igualdade Racial*, o qual, no seu artigo primeiro, afirma o seguinte:

Art. 1º–Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Já em 29 de agosto de 2012, a presidenta Dilma Rousseff institui a Lei de Cotas, Lei nº 12.711, a qual dispõe:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o *caput* deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita.

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016).

Sob essa ótica, os governos vinculados ao Partido dos Trabalhadores, com fortes e históricas ligações com os Movimentos Sociais Organizados, absorvem no seu discurso a luta do movimento negro brasileiro e buscam transformar em textos legais os anseios de negros e negras. Isso significou que a instituição e a realização das conferências nacionais de promoção da igualdade racial passaram a possibilitar a participação democrática do povo brasileiro em diversas esferas de poder, levando a Brasília representantes da sociedade civil, de Ongs e do Poder Público dos vários Estados da Federação. Assim sendo, entidades negras de diversos setores começaram a participar, com suas propostas, de políticas nacionais a serem implantadas, e que haviam sido discutidas anteriormente nos municípios e estados. Contudo, com a saída do Partido dos Trabalhadores do poder político, houve e continua a existir uma desmobilização em nível nacional. As conferências, momentos importantes para discussões, deixam de acontecer e muitas outras ações são interrompidas.

Nesse sentido, inegavelmente, há ainda muito por se conquistar. Novas lutas e novos embates para que a promoção da igualdade racial seja uma realidade no contexto nacional, certamente, ocorrerão. Desse modo, considerando que, a todo momento, o racismo é exposto, seja de forma institucional ou no contexto geral da sociedade, torna-se relevante a temática abordada neste estudo.

2O MOVIMENTO NEGRO NA BAHIA: DO SACUDIR DOS BÚZIOS AOS ECOS DE REVOLTA DOS MALÊS E AOS BATUQUES DOS MALÊS DEBALÊS, BADAUÊS, OLODUNS E ILÊ AIYÊS...

Em 1798, mais precisamente no dia 12 de agosto, a Cidade do Salvador acordou espantada. Nas paredes dos prédios, panfletos manuscritos foram colocados, conclamando o povo para uma grande revolta contra o império, pelo fim da escravidão e a favor da Proclamação da República. Era a chamada Revolta dos Búzios, conhecida também como Conjuração Baiana ou Revolta dos Alfaiates. Para os detentores do poder local, a ação foi uma grande afronta que merecia ser sufocada e os seus mentores presos e mortos. Os dizeres, escritos de forma a incentivar a população a uma grande luta pela liberdade, eram expressivos como referenciado pela Sepromi: “Animai-vos, povo baiano, que está para chegar o tempo feliz da liberdade. O tempo em que todos seremos irmãos. O tempo em que todos seremos iguais” (BAHIA, 2021)..

Nessa direção, Albuquerque (2006, p. 134), nas suas referências sobre as lutas do povo negro e suas respectivas na Bahia, relata:

Alguns levantes, talvez a maioria deles, não passaram da fase da conspiração. Em 1807, por exemplo, Salvador foi palco de uma conspiração planejada para o dia 28 de maio, durante as comemorações de Corpus Christi. Naquela noite, depois da festa, os rebeldes pretendiam incendiar a Casa da Alfândega e uma igreja. Instaurada a confusão, os escravos empossariam seu próprio governador, convocariam outros negros, eliminariam os brancos por envenenamento e queimariam as imagens católicas numa grande fogueira no meio da praça. Em seguida, uma força rumaria para Pernambuco, onde também havia uma numerosa população escrava, e lá se juntaria a outros escravos para formar um reino independente no interior.

Textos como esses influenciaram a população pobre parda e de escravos, que almejavam melhores condições de vida, a qual passou a simpatizar e acompanhar os revoltosos. A ideia de liberdade, de igualdade racial e de direitos trouxe uma nova perspectiva de futuro que, para acontecer, deveria mudar todo o sistema social, político e econômico instituído, fato que levou a uma forte reação, a qual culminou com o assassinato dos Líderes da Revolta. O nome “Revolta dos Búzios” foi instituído como referência ao fato de os participantes utilizarem pulseiras com búzios pendurados, como forma de identificação dos integrantes. O levante, que ocorreu há mais de duzentos anos, no período do Brasil colônia, tem grande importância por ter buscado significativas mudanças estruturais no País. Os búzios, um elemento de intensa

simbologia para a cultura negra, principalmente quando se observa o aspecto místico/religioso das religiões de matrizes africanas no Brasil, foram utilizados como forma de identificação entre revoltosos: para os adeptos dessas religiões, amarrar os búzios ao corpo trazia e traz outras significações. Conforme Maria Conceição da Silva (2006), em estudo sobre moluscos nos terreiros de candomblé, realizado na Universidade Federal de Paraíba:

[...] na religião afro-brasileira, o Candomblé, o cauri é o molusco mais sagrado representando força, poder e sabedoria. A concha é usada para o Ifá, orixá da adivinhação, para a palavra de Oxalá e pra todo tipo de iniciação (Obori), até a finalização do axê, sendo este um instrumento de grande importância capaz de trazer força e sabedoria, fortalecendo o povo negro na luta contra escravização. (SILVA, 2006, p. 50).

Seus principais líderes (João de Deus do Nascimento, Lucas Dantas de Amorim Torres, Manuel Faustino Santos Lira, Luís Gonzaga das Virgens e Veiga) foram condenados à morte; e mulheres que atuaram como lideranças (Luiza Francisca D'Araújo, Lucrécia Maria Quent, Ana Romana Lopes, Domingas Maria do Nascimento e Vicência) foram presas. Segundo a Fundação Palmares (2011), alguns desses tiveram seus nomes incluídos, em 2011, pela presidenta Dilma Rousseff, no Livro de Aço dos Heróis Nacionais, pelo papel que tiveram na luta por liberdade e melhores condições de vida para os brasileiros.

Em janeiro de 1835, na Cidade do Salvador (que por essa época possuía mais da metade da população composta por negras e negros escravizados, alforriados, ou com livre caminhar), outra luta se constrói: um grupo composto por mais de 1.500 africanos e afrodescendentes, denominado Malês, assim conhecidos por serem adeptos da religião mulçumana, organizou uma luta pela libertação dos escravos e contra a escravidão, a qual tinha ainda como meta tomar o poder e exterminar seus opressores.

Unidos pela religião islâmica, africanos vindos de localidades distintas da África tinham nessa união um instrumento capaz de fortalecer o enfrentamento ao sistema escravagista implantado. A luta foi um marco por ter à frente negros e negras e, apesar de os Malês saírem derrotados na luta contra a polícia, civis armados e a guarda nacional, o episódio conhecido como “A Revolta dos Malês” entrou para história como um marco da luta do povo negro contra a escravidão na Bahia.

Em relação à Revolta, as suas lideranças decidiram o período de acordo com o final do Ramadã, sagrado para os mulçumanos. Escolheram a data conhecida como “Noite da Glória”, ou dia no qual o Corão foi revelado a Maomé. De acordo com historiadores, foi organizada por escravos ou alforriados nascidos na África e, segundo se aponta, após a vitória, o grupo se voltaria contra os nascidos no Brasil. A grande maioria dos revoltosos era da capital, e uma

pequena quantidade veio do Recôncavo Baiano. Eram sapateiros, carpinteiros, carregadores de cadeiras, etc. Entre os participantes, de maioria nagôs e haussás, a Revolta dos Malês contou com oito líderes principais: Pacífico Licutan, Ahuna, Gustard, Sule ou Nicobé, Dassalu ou Damalu, LuisSanim, Manuel Calafate e Elesbão do Carmo ou Dandará. Segundo Albuquerque (2006, p. 136-137):

A regularidade das revoltas parecia demonstrar que o Brasil podia mesmo vir a ser o próximo Haiti das Américas. A ameaça rebelde na Bahia se repetiu em 1814, 1816, 1822, 1826, 1827, 1828, 1830 e 1835, período em que aconteceram cerca de trinta revoltas, a maioria delas promovida por escravos haussás e nagôs, estes últimos africanos iorubas. A mais séria delas aconteceu em 1835. Em janeiro daquele ano a capital foi surpreendida pela denúncia de que os malês – como eram conhecidos os nagôs muçulmanos tramavam um grande levante. A organização dos rebeldes surpreendeu os brancos.

Como se pode perceber, o início do século XIX foi um período de inúmeras revoltas do povo negro na Bahia. Em 1807, escravos planejaram atacar igrejas, destruir imagens e símbolos católicos. Pretendiam dar o poder a um líder mulçumano e expandir suas conquistas pelo Nordeste do Brasil, num resumo do que mais tarde viria ser a Revolta dos Malês. Nos anos que se seguiram, a tensão dominou o cenário baiano, especialmente o da capital, Salvador, trazendo temor de que o exemplo vitorioso da revolta de Santo Domingos de 1791 aqui se repetisse. Como relata Albuquerque (2006, p. 137):

Os malês estavam se reunindo desde o ano anterior. Tinham instituído um líder, o africano Ahuna, e costumavam adesões junto aos cativos do Recôncavo. Como muçulmanos que eram, muitos sabiam ler e escrever em árabe e sonhavam com uma Bahia governada por africanos. O plano era fazer a revolta num domingo de festa religiosa, dia de grande número de escravos nas ruas, isentos do controle dos seus senhores.

O cenário que antecedeu a abolição da escravatura foi de inúmeras revoltas menores em Salvador, no Recôncavo baiano e em outras regiões onde as lavouras se expandiam. Além disso, fugas proporcionaram o surgimento de quilombos e embates e protestos em algumas propriedades agrícolas, como o ocorrido no Sul da Bahia em 5 de dezembro de 1882, na Fazenda Monte Christo, na região da Vila Viçosa, atual Nova Viçosa e Caravelas. Isto é, a poucos anos da abolição da escravidão no Brasil, 200 escravos se levantaram, tendo o apoio de abolicionistas e de moradores da região, dando tiros no feitor e se recusando ao trabalho, alegando maus-tratos. Com a chegada da polícia, nove escravos foram presos acusados de

liderarem a ação. Além disso, em outras localidades, eram diversas as formas de protesto contra os maus-tratos e a escravidão, como expressa Albuquerque (2006, p.141):

Mas não só de revoltas e quilombos foi a resistência escrava no Brasil. É muito importante dizer que na vida cotidiana os escravos estabeleceram maneiras miúdas de resistir tecidas na rotina do trabalho. Vale repetir que o escravo descontente podia formar quilombos e promover revoltas, mas também podia sabotar a produção do senhor, fingir estar doente para diminuir sua jornada de trabalho, envenenar as pessoas da casa-grande, desobedecer sistematicamente e até negociar sua venda para um outro senhor que mais lhe agradasse. De toda maneira, o que estava em jogo era continuar autor da sua própria história, apesar da escravidão.

Com a abolição da escravatura, a situação dos negros no Brasil, apesar da proclamada liberdade, não trouxe possibilidades para que estes se desenvolvessem ou ascendessem social e economicamente. Na Bahia, estado que possuía um número significativo de afrodescendentes, sua inserção no mercado de trabalho e o acesso à educação e à saúde não foram propiciados pelo poder público republicano. Nesse cenário, no início do século XX, a luta de negros e negras por maiores condições de vida fica focada, principalmente, no acesso à educação, entretanto os movimentos organizados não possuíam grande unidade, e foram poucas as conquistas.

No Sul do país, a Frente Negra se organiza na terceira década do século XX. Seus ecos chegam à Bahia, e a primeira reunião da Frente é, finalmente, realizada no dia 15 de novembro de 1932. Com sede em Salvador, a Frente Negra atuou entre 1932 e 1934, tendo a sua fundação sido noticiada na imprensa da capital, de uma forma crítica e negativa, conforme constano *Diário da Bahia*:

Lemos em um dos nossos órgãos da imprensa a notícia da fundação de uma sociedade intitulada “A Frente Negra Brasileira de Salvador”. Inquerimos, primeiramente, se a dita sociedade tem por invocação ou cargo o São Salvador se Ella é assim cismada pela sua criação nesta cidade do São Salvador. De qualquer modo que a encaremos, não lhe achamos procedência justificada, se Ella tem os mesmos intuitos de uma correlata que foi instituída em São Paulo, como criação nova de um motivo até agora inexistente no Brasil. Daquela dizem que é para defesa da raça. Mas, por Deus! Perguntamos em que raça, de que modo, que precisa de defesa? A que se pretende instituir não poderá ser considerada se não como uma imitação da paulista, e esta por sua vez uma imitação infundadamente da divergência racial dos Estados Unidos da América do Norte, sem se lembrarem seus interventores, ou talvez por pouco conhecimento de Graphia de que nós estamos nos Estados Unidos do Brasil, que infelizmente também por imitação é assim chamado e adaptou sua forma de governo presidencial, contra todas as suas circunstâncias fundamentais do meio político nacional [...] (DIÁRIO DA BAHIA, 1933, p. 7).

No período de 1980, o Movimento Negro na Bahia remete-se às ações culturais, as quais ganharam destaque, com o foco em torno da cidadania dos afrodescendentes. A diversidade artística nas formas encontradas como um meio de expressão dos anseios e necessidades abarca as artes visuais, literatura, esculturas e, principalmente, a música. Nesse contexto, surgem os blocos afros, agremiações culturais voltadas para o divertimento popular em tempos de carnaval, com uma forte tendência a expressar o percurso histórico e cultural dos afrodescendentes. Tais blocos, que surgiram em bairros populares nos quais a presença negra era forte, foram fundamentais como parte de um processo de reafirmação do país, por meio de uma política de avivamento cultural. Ou seja, por intermédio dos blocos afros, a voz do Movimento Negro chega forte a seus pares e explode culturalmente como um fenômeno influenciador de conceitos, como também um vetor de denúncias sobre preconceito social, racial, etc. Assim sendo, as vozes na Bahia, Estado de grande maioria negra e parda que, durante séculos, fechou os olhos para negros e negras espalhados por seu território, passaram a ecoar por todo o Brasil. Como expressa Albuquerque (2006, p.284):

No início, a grande imprensa brasileira deliberadamente ignorou essa movimentação negra que acontecia nas periferias das cidades. Setores da esquerda brasileira não viam com bons olhos a forma como os jovens negros curtiam as músicas americanas; achavam que era mais um modismo e imitação subserviente do que refletia o imperialismo yanque. Puro preconceito, pois, a partir daquelas referências culturais, a juventude da periferia passou a reinventar sua própria identidade. Isso teve impacto na organização política dos negros e, principalmente, na forma como passaram a sentir e expressar a negritude.

Vale ressaltar que tais agremiações surgiram no seio da cultura afro-brasileira e trouxeram uma forte presença da religiosidade, da musicalidade e da dança de um povo que aqui chegou escravizado, vindo de diversas regiões da África. Os preceitos religiosos eram característicos rituais presentes nas apresentações, principalmente na saída dos blocos. Assim, surgem afoxés e blocos afros como Filhos de Gandhi, Malê Debalê, Badauê, Muzenza, CorinEfã, Ilê Aiyê e Araketu, que trazem o ritmo ijexá, batidas e toques ligados a orixás nos terreiros, bem como termos advindo de línguas faladas na África como a Ioruba. Os Filhos de Gandhi, bloco surgido no Porto de Salvador, da ideia de estivadores em 1949, inicialmente voltou-se para a cultura de divertimento no carnaval e trouxe, nos seus primeiros desfiles, as conhecidas marchinhas, entretanto, no decorrer dos primeiros anos, o ritmo ijexá foi incorporado e, junto com ele, rituais do candomblé. As letras das suas músicas recebem forte influência africana, falam de costumes e expressam anseios dos afrodescendentes. De acordo com Albuquerque (2006, p.286):

No mesmo período, década de setenta, a população negra de Salvador inventou novas formas de assumir a negritude. Muitos dos jovens que frequentavam discotecas passaram a outros tipos de expressão musical e estética. Os carnavais de Salvador já tinham uma forte participação negra em escolas de samba, afoxés e blocos de índio. Mas em 1974 surgiu uma novidade: o hoje famoso Ilê Aiyê foi fundado no Curuzu, bairro da Liberdade, em Salvador. A nova agremiação celebrava a cultura africana a partir do próprio nome, mas não se limitou a isso. Ilê Aiyê significa “a terra é nossa casa” no idioma ioruba. Pela primeira vez uma agremiação carnavalesca expressava claramente nas letras de suas músicas o protesto contra a discriminação racial, ao mesmo tempo em que valorizava enfaticamente a estética, a cultura e a história negra e africana.

Além disso, as cores representativas de orixás viram elementos tradicionais do desfile: o branco de Oxalá e o azul de Ogum. Inicialmente, o Afoxé Filhos de Gandhi não tinha as atuais proporções, era uma agremiação pequena que se confundia com os tradicionais blocos de Índio. O primeiro desfile contou com a presença de apenas 36 homens, que se vestiam com lençóis brancos e, para evitar confusões, não podiam utilizar bebida alcoólica. A presença de negros de origem humilde formava a imensa maioria. O bloco Filhos de Gandhi passou por inúmeras dificuldades, quase fechou, e aos poucos foi crescendo em número de participantes. Em 1999, em decorrência das comemorações de 50 anos e do marketing em torno da data, explodiu no cenário do Carnaval, virando ícone. Nesse ano, 15.000 homens foram ao centro da Cidade do Salvador vestidos com a tradicional roupa branca. Contudo, o Filhos de Gandhi, a partir do final dos anos 90, perdeu parte das suas características iniciais e incorporou-se à indústria do carnaval, desapossando-se de uma grande parte de seus preceitos.

O Ilê Aiyê, agremiação surgida no Curuzu, no bairro da Liberdade, foi fundado em 1974, sendo considerado como primeiro bloco afro do Brasil. No carnaval de Salvador, fez sua estreia em 1975 e traz expressa, no seu corpo, a luta do Movimento Negro que eclodiu nos anos 60, nos Estados Unidos com uma nova “roupagem” reverberando no Brasil. Termos como *Black is beautiful* e *Black Power* aqui chegaram, trazendo mudanças comportamentais, disseminando atitudes. Influências de Martin Luther King, Malcolm X, Rosa Parks, etc., se traduzem no Ilê Aiyê em vozes que cantam o negro, a sua história, a sua cultura, a sua beleza e o seu poder. O Bloco ressignifica o povo negro do bairro da Liberdade, espalha seus ideais pela capital, pelo Estado e pelo Brasil. Luta, assim, contra a discriminação racial e promove a igualdade racial, valorizando tradições afrodescendentes. No seu corpo, a agremiação cresce e se transforma numa instituição voltada para ações sociais nas diversas áreas da arte e na

educação. Canta a mudança de atitude, luta contra o racismo institucionalizado e enraizado em nossa sociedade.

O Ilê abre caminho para o surgimento de outros blocos que trazem, na sua verve, a essência de luta do povo negro. Assim, com letras fortes e atuais, surge o Olodum, no bairro do Pelourinho, local representativo por historicamente lembrar o açoite de negros e negras escravizados. Na década de 80, a sua batida de percussão se espalha pelo País e pelo mundo, as suas letras cantam o mundo negro, o Brasil negro, a Bahia negra e, movido pelo *marketing* e pela mídia, o bloco fica internacionalmente conhecido, trazendo ao Pelourinho a presença do ídolo da música internacional Michael Jackson. As músicas caem no gosto do Brasil e cantores diversos passam a gravar letras de compositores dessas agremiações culturais negras. Surgem a Banda Mel, a Banda Reflexus, Daniela Mercury, Margarete Menezes, entre outros. A música e o ritmo de origem negra influenciam novos compositores e nasce o movimento musical conhecido como Axé Music. Nos anos 80, todo o país cantava em coro letras que falavam contra o *apartheid* e a favor da libertação de Nelson Mandela, na África do Sul, e tantas outras que, além de exaltar a beleza negra, versavam contra o racismo e o preconceito. Assim Albuquerque (2006, p. 286-287) relata esse período:

No caminho aberto pelo Ilê, outros blocos foram formados por moradores de bairros populares como a Liberdade, Uma história do negro no Brasil 287 Largo do Tanque, Itapoã e Pelourinho. Entre os mais conhecidos estavam o Olodum, o Muzenza e o Malê Debalê. A atestar a influenciada música jamaicana, um novo ritmo denominado samba reggae foi inventado. Mas as atividades dos blocos negros não se limitavam aos dias de carnaval, pois os ensaios e eventos culturais e políticos diversos movimentavam seus integrantes e simpatizantes ao longo do ano. Muitos desses blocos continuam ativos hoje, tendo se desdobrado em instituições fortemente voltadas para a educação, tanto convencional como artística, além, é claro, de marcar sua presença anualmente no carnaval.

No campo político, algumas instituições são organizadas pelo Movimento Negro na Bahia, levantando bandeiras contra o racismo, dentre elas, a Unegro, criada em 1988, em Salvador. Ligada à militância comunista, é uma instituição suprapartidária que atua na luta a favor da promoção da igualdade racial, sendo contra o racismo, a intolerância religiosa e a homofobia. A Unegro surgiu durante o período de redemocratização brasileira e, nos anos que se seguiram, denunciou problemas socioeconômicos da comunidade negra, a violência contra a juventude negra, participando da elaboração de propostas estaduais, nacionais e internacionais contra o racismo. Deve-se assinalar também a criação e estruturação da Coordenação Nacional de Entidades Negras-SP; a formação da Comissão de Combate ao

Racismo na Estrutura Sindical em 1993; as Comemorações dos 300 anos de imortalidade de Zumbi, em 1995, com a Marcha Zumbi Pela Vida; a realização do Congresso Continental dos Povos Negros da América em São Paulo; a construção de documentos norteadores para a Conferência Nacional e para a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, realizada em Durban, na África do Sul, em setembro de 2001; e, na última década, a participação nas Conferências Estaduais e Nacionais de Promoção da Igualdade Racial. Nesse contexto, pensando na garantia de direitos e sua aplicabilidade, assim explica Jacques d'Adesky (2006. p.63):

O pleno reconhecimento dos direitos da população afrodescendente é, portanto, uma das tarefas mais importantes de nosso tempo. Implica o apoio substantivo do estado, mediante adoção de políticas de ação afirmativa, como solução temporária para se contrapor aos efeitos da discriminação.

Na organização política, a luta contra o racismo na Bahia, por intermédio do Deputado Luiz Alberto, em 2005, levou para o Congresso Nacional as demandas do povo negro da Bahia, fortalecendo uma plataforma governamental focada nas demandas coletivas de mulheres negras e da juventude interessada no acesso à educação e à saúde, bem como no discurso contra o preconceito e o racismo. No Estado da Bahia, a mobilização contra as desigualdades raciais conquistava novos espaços na administração pública. Um deles foi a criação das Secretarias Municipais de Promoção da Igualdade Racial, com o propósito de corrigir injustiças que vêm se perpetuando contra os negros no contexto geral da sociedade. Ademais, a participação de municípios nas Conferências Estaduais de Promoção da Igualdade Racial, ocorridas nos governos do Partido dos Trabalhadores, trouxe uma maior união da luta. Com a ida do Estado às Conferências Nacionais, foram levadas propostas importantes para as demandas da Bahia, contribuindo para a construção de uma política pública nacional. Com a saída do Partido dos Trabalhadores da Presidência da República, porém, o fomento nacional às discussões acerca da temática negra passou a não ocorrer, o que traz a necessidade de uma nova mobilização de negros e negras do Estado da Bahia e do país, buscando pressionar o Governo federal a continuar o trabalho nacional sobre a questão.

Por todos esses aspectos, ao lançar um olhar sobre a trajetória do Movimento Negro no Brasil e, especificamente, na Bahia, história envolta não apenas em sofrimentos, mas também em lutas e conquistas significativas e marcantes, trago a certeza de que o sacudir dos búzios no século XVIII não foi em vão. Foram cunhadas trajetórias de luta formadas em um processo que nasceu da ancestralidade, das heranças culturais, da força expressa pela crença em deuses africanos e nos ensinamentos herdados e espalhados pelo território. Vale explicitar que, em cada

revolta deste Povo Negro, há contribuições imensas à formação da Nação brasileira. São contribuições permeadas pela diversidade de povos que aqui chegaram, trazidos da África, com a alma livre, embora mantidos como escravos. Os tambores não bateram por bater na senzala, nos terreiros, nas rodas de capoeira e na explosão nacional das músicas de protesto dos Blocos Afros na década de 80 na Bahia do século XX. Foram mais além, reverberando uma luta que vai adiante dos territórios ao assumir um caráter universal. Uma luta constante, visto que muito ainda há para ser feito na busca da Promoção da Igualdade Racial. Certamente, novos embates surgirão, formas diferenciadas de luta, mas que trazem em si a essência da Liberdade. Vale salientar o quão foram importantes as conquistas advindas das ações do Movimento Negro no âmbito educacional, visto que a Educação transforma, fortalece e cria bases para a construção de um mundo igualitário.

30 MOVIMENTO NEGRO EM PORTO SEGURO: DO CARVÃO VEGETAL AO BRASIL CHAMA ÁFRICA

3.1 500 ANOS EM UM! RESUMO DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS AOS 500 ANOS DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL E O EMBATE ENTRE O PODER PÚBLICO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Em abril de 2000, as comemorações oficiais dos 500 anos do Descobrimento do Brasil foram organizadas para acontecer de maneira apoteótica no município de Porto Seguro, no Estado da Bahia. A cidade havia sido preparada para receber um grande evento, com caráter festivo, para marcar uma data de grande importância para a história do Brasil. Com toda pompa e a presença do então presidente Fernando Henrique Cardoso, do Presidente português Jorge Sampaio, do Governador da Bahia César Borges e de diversas autoridades da República, o Governo Federal não contou com os protestos que viriam a ocorrer, tendo como protagonistas grupos indígenas, representantes dos Movimentos Sem Terra, estudantes, integrantes do Movimento Negro e de organizações civis. A “festa” transformou-se, em poucas horas, em uma grande praça de guerra, com confronto entre manifestantes e forças militares a serviço do poder público. Espancamento de indígenas e prisão de ativistas e estudantes foram retratados pela imprensa (VITA, 2000).

As vozes contrárias vinham como decorrência dos 500 anos de exclusões sociais e de violência impetradas contra indígenas, negros e demais maiorias minorizadas que compuseram e compõem a população brasileira. Foi nesse contexto que um grupo de ativistas negros resolveu criar um quilombo representativo em uma área próxima à Praia de Ponta Grande, na orla norte da cidade. A ação surgiu da necessidade dos representantes negros em trazer maior visibilidade às lutas seculares dos seus ancestrais no território brasileiro, servindo também para se tratar sobre políticas públicas necessárias a serem levadas ao contexto federal, indo mais além do que se formatar uma simples comemoração oficial de aniversário dos 500 anos do Brasil.

O local tornou-se, assim, um ponto de resistência no qual discussões foram tratadas acerca dos diversos problemas sociais e econômicos que afligiam o povo negro brasileiro. No episódio, houve a participação de visitantes, vindos de diversas partes do país, como também de moradores do município. E, apesar das aflições passadas no enfrentamento, a repressão serviu como ponto de fortalecimento de posições e deluta. Os embates trouxeram um forte sentimento de pertencimento e, com isso, uma grande reflexão sobre ancestralidade, tradição,

cultura afro-brasileira, racismo e preconceito. Nesse contexto, com participantes de várias cidades e estados, eu me fiz presente, como militante negra que, em anos anteriores, havia participado do Movimento Negro Unificado do Rio de Janeiro, como integrante do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

E foi um acontecimento com minha filha, numa escola do município de Porto Seguro, que fez renascerem mim a vontade de voltar a militar de maneira mais efetiva no Movimento Negro e criar um Movimento Negro no município. Mônica Moara, minha filha, ainda criança pequena, retorna da aula em um dia comum com um olhar triste, o que naturalmente me chamou a atenção e o zelo. Antes que pudesse interpellá-la, ela melancolicamente me disse: – “Mãe, estão me chamando de carvão vegetal”. “Como?” – perguntei, em meio a maior sensação de revolta que já havia sentido.

Assim, das minhas reflexões sobre o momento passado, surge o desejo de reunir em Porto Seguro negros e negras em torno de um movimento social que pudesse unir vozes e pensamentos, com o intuito de lutar contra o racismo e a favor da promoção da igualdade social no município.

Nessa sequência, nos anos posteriores, algumas ações foram realizadas a fim de buscar integrantes que comungassem com a temática e, finalmente em 2007, nasceu o Instituto Sociocultural Brasil Chama África, primeira instituição oficial negra do município a tratar prioritariamente sobre questões essenciais para a sobrevivência de negros e negras em Porto Seguro e na Costa do Descobrimento. O “Carvão Vegetal” passa, assim, a ser uma chama. A chama que nasce, também, como um chamado. Uma conclamação para que as vozes de afrodescendentes da “Terra Mãe do Brasil” buscassem se unir em torno de um grande objetivo.

3.2 INSTITUTO SOCIOCULTURAL BRASIL CHAMA ÁFRICA: UMA CHAMA ACESA NA COSTA DO DESCOBRIMENTO, UM CHAMADO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA MUNICIPAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

O Instituto Sociocultural Brasil Chama África trata-se de uma Associação Civil, que tem por finalidade a promoção da igualdade racial, a preservação cultural e o desenvolvimento socioeconômico dos negros e negras residentes em Porto Seguro e na Costa do Descobrimento. O intuito é contribuir para a melhoria das condições de vida das nossas comunidades. Assim, no trabalho de mobilização comunitária, está sua principal atividade, despertando a população local para a importância da revitalização das práticas e saberes

tradicionais, numa dimensão de reconstrução da identidade negra, da vida em comunidade, na luta contra o racismo, contra a exclusão social e por respeito à vida. Nessa perspectiva, a pesquisadora Gomes (2017, p.21) argumenta:

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena política e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante.

As primeiras ações de um “protomovimento organizado” em Porto Seguro ocorreram após a publicação da Lei nº10.639, em 9 de janeiro de 2003, que institui a obrigatoriedade do Ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2003). O Estatuto da Igualdade Racial vem a público como um documento resultante de grupos de trabalho, constituído por estudiosos, educadores, historiadores, juristas, tanto do Poder Público, como da iniciativa privada e do terceiro setor. Naquele momento, um grupo de moradores, professores, empresários e sociedade civil sentiu a necessidade de criar uma organização não governamental para a defesa e o respeito aos direitos constitucionais, contrapondo-se às agressões históricas ao povo negro e à invisibilidade deste junto ao poder público e à comunidade porto-segurense. Assim, após vários contatos e conversas com outras pessoas que também percebiam a ausência de um órgão formal que pudesse tratar as questões raciais na região, tiveram início as ações necessárias para a criação do Instituto Brasil Chama África – ISBCA.

Nessa perspectiva do momento histórico do município de Porto Seguro, o ISBCA iniciou seu trabalho nos campos da Educação e Cultura. Em 21 de abril de 2006, foi criada a Comissão Pró-Conselho de Promoção da Igualdade Racial. No decorrer desse mesmo ano, foram realizados 11 (onze) encontros de estudos e discussões para a criação de um projeto sobre a temática. Nesse processo de construção de políticas públicas, houve o apoio da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Governo do Estado da Bahia – SEPROMI e do Deputado Estadual Luiz Alberto (PT), o qual colocou as bases de seu mandato em prol da Igualdade Racial.

Para a formação do grupo local, o Instituto teve a consultoria de Tatiana Barreto, especialista em terceiro setor, e o empenho da Dra. Ilma Ramos, advogada e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB da cidade de Porto Seguro. Após a criação de uma minuta e do regimento interno, apresentou-se, à Secretaria de Assistência Social, a proposta de criação do Conselho Municipal de Promoção de Igualdade Racial – COMPIR. Acolhida a

demanda, a proposta foi apresentada ao gestor da época, o Prefeito Jânio Natal, que iniciou o processo de criação do Conselho, com votações e aprovações pelo Legislativo, em 15 de maio de 2007. Com a aprovação do Projeto de Lei nº. 680/072 de 2007, foi criado o Conselho da Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro – COMPIR.

A partir dessa data, iniciou-se o trabalho de parceria entre ISBCA e COMPIR, com diversas atividades concretizadas, entre as quais se destacam:

- Capacitação de professores para implementação da Lei nº. 10.639/03, parceria entre o ISBCA e o Instituto Tribos Jovens: a atividade realizada na Escola Municipal de Porto Seguro teve como professora Amélia Morelli Rodrigues, especialista na lei. O curso teve carga horária de 40 horas e um público de 60 professores da Rede Municipal;
- Participação nas Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais de Promoção da Igualdade Racial, desde 2009 até a última em 2013;
- Realização da Semana da Consciência Negra, trazendo como atração principal o Desfile da Beleza Negra, nas escolas e entidades culturais do Município (desde novembro de 2007 até o presente momento);
- Participação em Conferências Estaduais e Nacionais de Políticas para as Mulheres;
- Integração em assentos nos Conselhos Municipais de Promoção da Igualdade Racial, Saúde, Meio Ambiente, Mulher;
- Criação da Comissão de Proteção dos Afrodescendentes do município e região;
- Integração em assentos nos Conselhos Municipais de Promoção da Igualdade Racial, Saúde, Meio Ambiente, Mulher;
- Participação na Criação do Programa de Rádio Arraial FM – Brasil Chama África, apresentado por Miriam Conceição e Jairo Monteiro, todas as sextas-feiras às 18h30min;
- Criação do Bloco Brasil Chama África para participar do Circuito do Carnaval Cultural do Município de Porto Seguro, em 2010;
- Organização do evento Dia Mundial da África, desde 2010;
- Espaço Macunaíma, em 2010;
- Parceria com Noite Griot, com o Rap Rapping Hood, com a Casa da África-BH;
- Eventos no Centro de Cultura de Porto Seguro, de 2010 a 2019;
- Organização da Exposição do Jornalista e Cartunista Maurício Pestana, Centro de Cultura, em 2010;

- Projeto Kizomba – Resistência Cultural de um Povo, com a participação dos Terreiros, Jovens Negros no Centro de Cultura de Porto Seguro, em 2010;
- Plano Municipal de Igualdade Racial, em 29 de novembro de 2010;
- Realização do evento Julho das Pretas, desde 2017;
- Realização do Dia Internacional da Mulher com Debates nas regiões periféricas de Porto Seguro, desde 2017;
- Realização de debate no Dia Internacional de Luta Contra o Racismo, desde 2016;
- Realização da Marcha da Mulher Negra no Baianão, Frei Calixto;
- Participação na Marcha das Mulheres Negras em Brasília, em 2017.

Muitas foram as ações desenvolvidas na área da educação para que a proposta de discussão da temática étnico-racial passasse a figurar efetivamente nas salas de aula, cujo intuito era pautar as primeiras medidas para construção de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, no município de Porto Seguro. Vale ressaltar que, com a implantação da Lei nº 10.639/03, a criação do COMPIR e a parceria entre este, o ISBCA e a Secretaria Municipal de Educação, abriu-se o caminho para as primeiras formações docentes no município.

Em 2007, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação – SEDUC e o Instituto Tribos Jovens, realizou-se, no Colégio Municipal, a primeira capacitação de professores e professoras direcionada para a implementação da Lei nº 10.639/03, a qual contou com a participação de 60 docentes, sendo ministrada pela professora especialista Amélia Morelli Rodrigues.

Em 2009, foi criada a Coordenação de Promoção da Igualdade Racial, na Secretaria Municipal de Educação, hoje estando acrescidas as questões de gênero. Foi uma necessidade de grande importância pontuada pelo ISBCA junto ao Poder Público Municipal, visto que trouxe as discussões para dentro do órgão centralizador, reverberando as demandas e legislações nos demais setores, fato que proporcionou a criação de cursos de formação docente, seminários, rodas de discussão e incentivo a ações pertinentes diretamente com professores e professoras nas suas salas de aula.

Nesse sentido, Gilmária da Cruz Menezes, Coordenadora de Promoção da Igualdade Racial e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação, é enfática em sua fala no Dia Internacional Contra o Racismo, em 2018, durante o evento no Centro de Cultura de Porto Seguro, quando diz:

Com a criação da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial e de Gênero – COPIRG – as relações étnico-raciais nas salas de aula foram amplamente fortalecidas, primeiro porque trabalhou-se a temática junto à coordenação de setores específicos como Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, observando as suas particularidades e, também, porque o diálogo entre Secretaria e comunidades escolares ficou mais consistente por meio das formações docentes. Vale ressaltar que os trabalhos desenvolvidos por professores e professoras nas salas de aula estão em constante acompanhamento, o qual explicita uma maior participação do alunado das discussões e, conseqüentemente, na formação de consciência crítica e na sapiência por sua história e seus direitos enquanto cidadãos e cidadãs.

Entre as atividades desenvolvidas por essa Coordenação, está a formação continuada de professores/as, coordenadores/as, diretores/as sobre as questões que envolvem a temática negra, com discussões, debates, seminários. Outra ação importante, ainda dentro do âmbito educacional, foi a luta do ISBCA para que se instituisse a capoeira nas escolas, conforme a Lei Municipal nº 488/03, de 16 de setembro de 2003, a qual, no artigo primeiro enfatiza que: “fica a Prefeitura Municipal de Porto Seguro autorizada a incluir, em caráter optativo, a prática de capoeira na área de estudos de educação física, nas escolas públicas de 1º e 2º graus” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO-BA, 2003)..

Assim, em 2009, mestres, contramestres e professores dos principais grupos de Capoeira de Porto Seguro – Capoeira Sul da Bahia, tendo à frente o Mestre Railstone Grupo 100% Capoeira, representado pelo então professor e hoje mestre, Alan Ferradura – reuniram-se para que fosse organizado o primeiro grupo de professores e professoras de Capoeira a atuar em escolas da rede municipal. Posteriormente, com a implantação do Programa Federal Mais Educação, a capoeira passou ter um número significativo de alunas e alunos.

Destaca-se também, nas escolas, a criação pelo ISBCA, em 2009, da “Noite da Beleza Negra”, com a eleição das “Mais Belas Chamas da África em Porto Seguro”. A atividade, direcionada a alunos e alunas do Ensino Fundamental, anos finais, e do Ensino Médio, contou com a adesão de muitas escolas e a participação ativa de estudantes. Programada para acontecer no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra (ou na sua véspera), à noite, é um momento extremamente significativo e representativo da identidade negra no município.

Entre as ações desenvolvidas no período diurno, conta-se com palestras sobre questões identitárias e a importância de os participantes se reconhecerem negros e negras, com suas características físicas, culturais e ancestrais. Há mais de dez anos integrando o “Novembro Negro”, o evento é esperado por escolas e discentes e se transforma numa grande festa da raça, no Centro de Cultura de Porto Seguro. As parcerias são muitas, entre as quais se destacam: a da Superintendência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, a da

Coordenação de Promoção da Igualdade Racial e a do Centro Municipal de Pesquisa, Educação e Cultura –CEMPEC. O Novembro Negro é um mês no qual se concentram algumas realizações de destaque no que toca à atuação do ISBCA nas escolas, visto que são proporcionadas palestras, exposições, rodas de diálogo, sempre em sintonia com a COPIRG e a Secretaria Municipal de Educação.

Uma movimentação importante realizada pelo ISBCA com alunos e alunas das escolas do município volta-se especificamente para a realização de rodas de conversa, seminários e bate-papos com discussões sobre temáticas relacionadas à questão racial, as quais tiveram uma significativa participação de convidados, entre os quais, o jornalista e cartunista Maurício Pestana, diretor da *Revista Raça*, o qual versou sobre questões de identidade, e Elisa Larkin, ex-esposa de Abdias do Nascimento e Presidente do IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros, nas comemorações do Centenário de Abdias do Nascimento, para traçar uma linha do tempo sobre este grande ícone do Movimento.

As atividades contemplaram escolas de grande porte na periferia e distritos do município, trazendo experiências diversas para o diálogo. Como resultado dessas ações, foram observados uma expressiva participação estudantil e, conseqüentemente, o aumento de interesse sobre a temática, reverberando novos gritos para a luta do povo negro de Porto Seguro. Hoje, 14 anos após as primeiras ações, torna-se gratificante perceber que, como frutos de diálogos e debates, desses alunos e alunas nasceram novos educadores e educadoras que se formaram tendo como base discussões e legislações que exercitam a consciência cidadã e a luta pela promoção da Igualdade Racial.

4ISBCA E CULTURA NEGRA: DA AVENIDA AOS TERREIROS, FAZENDO ECOAR A VOZ DA MATRIZ AFRICANA

A ideia de criação de um bloco afro com ares de afoxé, em Porto Seguro, surgiu ainda nos primeiros encontros de formação do ISBCA. As experiências e observações da atuação de instituições, principalmente em Salvador, como Ilê Aiyê, Olodum, Filhos de Gandhi, entre outros, foram fundamentais para a construção de uma entidade representativa da Cultura Negra no Carnaval de Porto Seguro. Assim, no final de 2008, no Centro de Cultura de Porto Seguro, lideranças do ISBCA, integrantes e instituições parceiras reuniram-se no intuito de tornar real, dentro de uma política cultural institucional, o Bloco Brasil Chama África. Assim, em 21 de janeiro de 2009, o Bloco saiu à rua para desfilar pela primeira vez na “Passarela do Álcool”, atual “Passarela do Descobrimento”. Com aproximadamente 150 integrantes e o *slogan* “Diferentes na cor, iguais nos direitos”, o Chama África foi um destaque entre os costumeiros blocos do Município, chamando a atenção de turistas e moradores. Para muitos, uma experiência nova, para o Instituto, entretanto, uma intervenção que viria a ser constante e efetiva na valorização da presença africana na formação da identidade municipal e na articulação para proveito das políticas públicas e ações afirmativas, visando à promoção da igualdade racial.

Contudo as dificuldades para se colocar o Bloco na rua sempre foram constantes, visto que não são cobrados valores para os integrantes, os quais desfilam com suas roupas, com tendências africanas ou afro-brasileiras, sem a necessidade de pagar taxas. Para aqueles que desejam um figurino, é oferecido um abadá a preços que só cobrem o valor da sua confecção. Uma tendência dos dois últimos desfiles foi a confecção de figurinos com material reciclado, iniciada com a participação do carnavalesco e figurinista do bloco.

Em 2018 e 2019, com editais de promoção para o carnaval local, o Bloco Brasil Chama África foi contemplado, o que, de certa forma, auxiliou no planejamento das ações. Entretanto, os custos são altos para manter a chama acesa na passarela e levar a proposta de divulgação identitária à frente. Uma participação importante que merece destaque é a de integrantes de terreiros locais, os quais se unem ao bloco para levar às ruas a religiosidade de matriz africana. Importante salientar que, na Cidade do Salvador, a influência dos Terreiros de Candomblé na identidade dessas agremiações é notória, como expressa Nadir Nóbrega Oliveira (2003, p. 113):

Assim, com orgulho, podemos afirmar que as comunidades-terreiros ensinaram os blocos afro-baianos e estes, como entidades que compõem o Movimento Negro, ensinam a sociedade brasileira a praticar ações afirmativas, visando à igualdade racial e social. A junção da estética com a religiosidade é uma das concepções da arte na cultura africana. Dessa maneira, tudo o que parece africano ou que se imagina que seja usado na África acaba servindo para legitimamente conferir as africanidades no Brasil, através destes blocos afros.

A relação do Instituto Brasil Chama África com os integrantes de religiões de matrizes africanas, no entanto, data de antes da criação do Bloco. A proposta de reuniões com o pessoal de terreiro surgiu com a ideia de criação do Instituto e ações concretas passaram a acontecer em 2007, quando foram organizados os primeiros encontros na Sede da Associação Estela Chaves, mais conhecida como Associação Cultural Macunaíma, localizada na rua do Mangue, no Centro da cidade, e dirigida pelo parceiro Sérgio Santos.

Os primeiros encontros tiveram como temática recorrente a união entre as casas em busca de uma política pública efetiva para os terreiros de Porto Seguro, resguardando o direito constitucional de professarem sua religiosidade. Propôs-se, ainda, a criação de uma rota de terreiros como ação educacional e turística, visando à promoção da igualdade racial. Neste mesmo ano, realizou-se a Primeira Conferência Territorial de Cultura, na qual se contou com a participação de alguns integrantes dos terreiros, sendo eleitos, entre os Delegados de Cultura do Extremo Sul, dois representantes dos povos de Terreiro do Município, o Babalorixá Fatumbi e Carleone Filho, integrante do ISBCA.

As propostas discutidas seguiram para a II Conferência Estadual, a qual abordou o tema “Cultura é o quê?”, e aconteceu neste mesmo ano no município de Feira de Santana. Algumas dificuldades foram encontradas no que toca a uma participação mais efetiva desses representantes nas discussões e nos encontros realizados. Entretanto, em 2013, na Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial em Porto Seguro, algumas propostas foram por eles indicadas e encaminhadas para a III Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial e, posteriormente, para a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, sendo integradas às propostas de Políticas encaminhadas ao Governo Federal.

Importante ressaltar que, na Conferência Estadual, dos cinco integrantes da delegação de Porto Seguro, três eram representantes do ISBCA, sendo um representante dos terreiros; e, na Nacional, contou-se ainda com a participação de dois delegados do município, sendo um representante dos terreiros. Apesar de as ações terem sido efetivas e constantes, as discussões relativas à implementação de Políticas Públicas Municipais ainda não resultaram em nenhuma legislação local direcionada à questão.

No âmbito cultural, vale ainda pontuar algumas ações realizadas pelo ISBCA que tiveram notória expressividade e que corroboraram para dar visibilidade às expressões culturais afro-brasileiras, como também para a promoção da igualdade racial, entre as quais se destacam: a Comemoração do Dia da África, que desde 2013 ocorre no Centro de Cultura de Porto Seguro, em parceria com a SUPIR, a COPIRG, o CEMPEC, com a realização de diversas palestras, seminários, feijoadas e exposições de artes plásticas, como, por exemplo, a “Orixás da Bahia, a Magia do Candomblé”, do artista plástico Carleone Filho; o Dia Nacional da Capoeira e o Dia Nacional do Samba, datas que também entram no calendário cultural do Instituto e envolvem artistas e parceiros diversos que comungam dos ideais e objetivos da Instituição.

Em 2019, o Instituto Sociocultural Brasil Chama África entrou na concorrência do Edital 14– Bahia Produtiva/CAR, do Governo do Estado da Bahia, e venceu com um projeto, denominado Projeto Makaia, voltado para hortos sagrados e mapeamento dos terreiros dos municípios de Porto Seguro, Eunápolis, Santa Cruz Cabrália e Belmonte.

4.1 A FORÇA DA MULHER NEGRA NA LINHA DE FRENTE DO INSTITUTO.

A ativista e escritora bellhooks (2019, p.00), quando fala: “enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder, continua a ser uma agenda vital para todas as mulheres”, nos dá realmente a força e a vontade de prosseguir na luta e faz-me refletir sobre assuntos que marcaram seu trabalho intelectual: racismo e feminismo, política e pedagogia, dominação e resistência. Ela nos coloca, enquanto mulheres negras, em condições de erguer a voz e gritar contra toda forma de hegemonia existente nos espaços de poder onde as ditas autoridades têm reconhecimento. Paulo Freire é muito citado em sua obra como um mestre em defesa dos oprimidos, e de transformação da luta em amor. Sobre o silêncio, bellhooks nos diz que ele surge como uma “estratégia de sobrevivência”, pois “muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir ideias, especialmente aquelas consideradas opositoras. Da escravidão em diante, nós pessoas negras nos Estados Unidos aprendemos a nos resguardar em nossa fala. Dizer a coisa errada podia levar à punição severa ou à morte” (hooks, 2019, p. 327).

Assim, erguer a voz se torna um modo de transitarmos da posição de objetos para sujeitos, de nos libertarmos. É preciso lembrar, ao pensarmos criticamente sobre dominação, que nós todos temos a capacidade de agir com maneiras que oprimem, dominam, machucam (seja esse poder institucionalizado ou não). É preciso lembrar que, primeiro, precisamos

enfrentar o opressor em potencial dentro de nós e, também, que precisamos resgatar a vítima em potencial dentro de nós. Caso contrário, não podemos ter esperança de liberdade, de ver o fim da dominação (hooks, 2019, p. 60).

É muito importante que possamos, enquanto mulheres negras brasileiras, falar e erguer nossas vozes contra a opressão e exclusão machista, contra o patriarcado e contra todas as formas de opressão e exclusão racista da supremacia branca. E que possamos juntas, a partir da palavra, a partir das vozes de nossas ancestrais, revolucionar nosso mundo, pois a palavra é força e resistência. Ergamos nossas vozes!

A participação das mulheres negras no Instituto Sociocultural Brasil Chama África é muito relevante e expressiva. Por muitos anos à frente do ISBCA, eu, que por vários anos estive no comando do Centro de Cultura de Porto Seguro, ligado à Secretaria Estadual de Cultura, participei das diversas ações voltadas para a temática. Na alternância da direção do instituto, houve ainda a participação de Maria Erotides Morem, Janine Belo e, advindos dos seus quadros, encontram-se representações à frente de órgãos expressivos do Poder Público Municipal. Assim, na Superintendência de Promoção da Igualdade Racial, ligada à Secretaria de Trabalho e Ação Social, esteve Gilberliceda Cruz Menezes, na Coordenação de Promoção da Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Educação, esteve Gilmária da Cruz Menezes. Há ainda lideranças negras femininas em Associações de Bairros e Culturais.

As atividades voltadas para a questão da mulher negra ocorrem frequentemente e envolvem ações na comunidade, além da participação em ações estaduais e nacionais. Nesse sentido, desde 2017, há em Porto Seguro o “Julho das Pretas”, integrando o município a atos realizados no país, com debates e marchas, como a “Marcha das Mulheres Negras”, realizada pelo Instituto no Bairro Frei Calixto. A participação na Marcha Nacional da Mulheres, também em 2017, foi outro momento significativo.

Outra frente de atuação das mulheres negras do Instituto são os Conselhos Municipais, nos quais participam, como o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, Conselho Municipal de Saúde, Conselho Municipal da Mulher e Conselho Municipal do Meio Ambiente. Nesses órgãos, sempre se levanta a bandeira das históricas lutas do povo negro e, particularmente, das mulheres negras. Nesse sentido, a integração dos membros do Instituto com órgãos públicos representativos é de fundamental importância para manter a Chama da África acesa.

4.2 VOZES DO CHAMA ÁFRICA: DEPOIMENTOS DE DIRIGENTES E EX-DIRIGENTES DO INSTITUTO SOCIOCULTURAL BRASIL CHAMA ÁFRICA NO DECORRER DE SEUS 14 ANOS DE EXISTÊNCIA

Neste item, registram-se algumas vozes de participantes do ISBCA que exerceram ou exercem cargos diretivos na Instituição.

I – A minha autoestima foi construída na ONG, pois, desde pequena, sofri com ataques absurdamente cruéis e, quando eu fiz 9 anos, isso se intensificou, pois passei a estudar em uma escola particular. Eu era a única criança negra da escola, sofri desde o primeiro dia com os olhares, mas, quando recebemos a lista de material escolar e o primeiro item era “carvão vegetal”, começou o início do meu grande pesadelo. Ninguém se aproximava se não fosse para me maltratar ou zombar de mim, e assim se inicia a solidão da mulher negra, na infância. Sem amigos e sem apoio da maioria dos professores, eu implorava a meus pais me tirarem daquela escola, abdicando de uma formação boa no ensino privado para tentar ir para outro lugar onde, embora soubesse que também não deixariam de me atacar, pelo menos haveria alguém como eu, pois ali teria companhia e me sentiria pertencente. Na época, eu ainda não sabia dar nome às coisas, mas minha mãe sim, o nome foi dado e me foi explicado, não eram brincadeirinhas, era racismo.

Em 2007, então, nasce o Brasil Chama África, a partir da dor de uma criança de 9 anos que se odiava e alisava o cabelo desde os 7, mas que, ao mesmo tempo, teve a sorte de ter uma família sólida, engajada nas causas sociais e pronta para encabeçar um movimento que resiste até hoje e que transformou e transforma a vida de muitos que têm a chance de se vincular a essa Instituição.

Através do Brasil Chama África, perdi o medo de trabalhar em grupo, pelo contrário, tudo ali era feito com e pelo coletivo. Tenho muito orgulho em ser parte desse movimento desde o início, acompanhar o crescimento e contribuir, para isso, com as ações e com tudo o que ele representa, atuando em diversas esferas sociais.

Um dos eventos realizados pela ONG é o desfile da beleza negra, “As Mais Belas Chamas da África de Porto Seguro” foi o evento que me incentivou a passar pela transição capilar e deixar de alisar o cabelo. Eu me lembro até hoje da sensação de ter a minha beleza comprovada, de ser uma campeã, de ter a atenção dos meus colegas voltada pra mim, mas, dessa vez, estavam me aplaudindo. Aquele momento tem um significado marcante para a minha autoestima, daí passei a usar turbantes, deixei de trançar o cabelo e a usá-lo natural, com postura de Miss. Não tinha mais espaço para ninguém me apontar o dedo e dizer

“Feia!” Porque o sentimento de beleza já vinha de dentro pra fora. Hoje, sou modelo, decidi seguir carreira justamente para mostrar para todos que eu também poderia, já realizei desfiles importantes como os realizados pela Casa de Criadores do Brasil e pela São Paulo Fashion Week, e tudo graças ao movimento que me fez acreditar no meu potencial.

Vivo em São Paulo e trabalho como dançarina e atriz, a minha formação artística também vem dos projetos sociais realizados ou apoiados pelo Instituto, tive acesso a diversas modalidades de dança, música, capoeira e teatro através da ONG. E a minha vinda para São Paulo e a permanência nesta cidade também ocorreram por conta da minha atuação no Instituto, aprendi a me comunicar de maneira efetiva e segura com todos, todas e todxs, de governadores a policiais, professores de ensino fundamental ou universitários, gestores, servidores públicos, empresários...Inclusive a escrever atas, projetos.Fui membro do Conselho Municipal da Juventude por dois anos,como representante, pelo Instituto Sociocultural Brasil Chama África,da juventude negra da cidade de Porto Seguro.Em São Paulo, trabalhei por dois anos no Centro Cultural Municipal de Culturas Negras Mãe Sylvia de Oxalá,junto com aSecretaria Municipal de Cultura de São Paulo; atuo como colunista na *Revista Raça* e sei que devo isso ao ISBCA, pois a minha trajetória na ONG me deu base para alcançar voos cada vez mais altos em qualquer lugar do mundo e é por isso que faço questão de continuar esse movimento onde quer que eu esteja.Desde que saí da Bahia para investir na minha carreira artística, vim com o intuito de ser ponte entre as oportunidades daqui com meu povo de lá e, desde então, é o que venho fazendo.

No Brasil Chama África, iniciei um projeto de educação social para crianças da Vila de Santo André, ministrei palestras, oficinas de dança e de turbantes, trabalhando com meninas e meninos a construção de sua autoestima,da mesma forma que fizeram comigo.Nilma Lino Gomes exemplifica bem essa minha história em seu livro *Movimento Negro Educador*,pois foi o Instituto quem me educou e sou imensamente grata por ter uma base tão rica e sólida para ter o poder de decidir o meu futuro. Não de vir o reconhecimento e a valorização merecidos para essa instituição.

Monica Moara
Ativista Feminista e Modelo

II– No ISBCA, encontrei uma família. Foi a partir desta instituição que pude conhecer o universo do setor público, o que eram as políticas públicas e como se acessava. Aprendi o quanto é importante fomentar o ativismo social para as relações raciais dentro de um Município. Atuando como membro, na condição de secretário, desenvolvi habilidades como

elaborar uma ata, fazer ofício, dirigir mesas e encontros, e também aprendi a articular minha linguagem para me comunicar com figuras políticas, advogados, policiais militares, e conversar com secundaristas, sociedade civil e a comunidade no geral. Minha grande e significativa experiência foi quando atuei como conselheiro de promoção da igualdade racial, em Porto Seguro. Mesmo que esse Conselho tenha atuado e ainda atue bem pouco, em minhas considerações, daquilo que conseguiu fazer foi bastante importante para a população local. O ISBCA e o Conselho já realizaram ações importantes em parceria com instituições de referência da região, e eu estava junto: participei da criação da Comissão de Igualdade Racial, criada na Ordem dos Advogados de Porto Seguro; estive em vários eventos do Novembro Negro, nos anos iniciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia; representei e ainda represento o Instituto – o Conselho não – em várias outras secretarias da Prefeitura de Porto Seguro (Assistência Social, por exemplo). Dessa experiência, avalio que o ISBCA foi e continua sendo peça-chave na minha formação crítica, política e, sobretudo, humana. A instituição ainda não teve o seu valor merecido, mas torço para um reconhecimento maior nos próximos anos. O debate racial em Porto Seguro está muito no campo acadêmico, pouco no asfalto quente, nas periferias, na rua. Odara que um dia esse cenário mude. Para o ISBCA, desejo vida longa e que ele engaje muitas vidas enquanto existir e resistir.

Thawan Dias Santana Tannes
Professor de Arte – Secretaria de Educação de Porto Seguro
Especialista em Pedagogias das Artes (EPARTES-UFSB)
Mestrando em Ensino e Relações Étnico-raciais (PPGER-UFSB)
Secretário do Instituto Sociocultural Brasil Chama África

III– O Instituto Brasil Chama África representa um relevante marco na luta contra o racismo em nosso território. Participa de instâncias de controle social, sinaliza ajustes necessários e urgentes, resgata e valoriza manifestações culturais e religiosas, incentiva o empoderamento do povo negro, em especial, mulheres e juventude! Realiza relevantes momentos de integração e interação comunitária e é um marco relevante de resistência numa sociedade que se tem mostrado avessa à ideia de respeito às diferenças!

Eladyr B. Raykil
Professora do IFBA

IV–Tenho pleno conhecimento do trabalho desenvolvido pelo ISBCA – Instituto Sócio Cultural Brasil Chama África, na região da Costa do Descobrimento, Extremo Sul da Bahia.

Ao longo de mais de uma década, o ISBCA se destacou como a Organização Não Governamental com grande atuação na promoção da igualdade racial, articulando, dentro da

OAB – Subseção de Porto Seguro, Câmara de Vereadores, Escolas, entre outros espaços públicos e privados, o debate e a divulgação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei Federal nº 12.288/2010, além de oferecer oficinas de percussão, cursos diversos de artesanato, saraus, exposições de artes plásticas com o tema racial negro. No mês de novembro de cada ano, o ISBCA realiza o Novembro Negro e, dentro dele, vários eventos, para marcar o mês da Consciência Negra, como *shows* musicais e eleição da Beleza Negra.

Outra atividade marcante que tem grande repercussão na cidade é o bloco carnavalesco do Instituto, que desfila no Circuito Tradicional da cidade de Porto Seguro-BA, com indumentárias, danças e músicas características de bloco afro.

Por todas estas e outras ações do ISBCA, não restam dúvidas da sua importância no fomento de políticas públicas municipais voltadas para a promoção da igualdade racial.

José Arlindo de Souza Leal
Advogado
Ex-Presidente do ISBCA

V – Em Porto Seguro, em 2005, é criado o Instituto Sociocultural Brasil Chama África – ISBCA, representante do movimento negro local, visando a garantia dos direitos das pessoas negras do município. Este Instituto desenvolve ações de diagnóstico da situação da população negra; participação em eventos tais como Seminários, Congressos, Conferências, Palestras, Exposições Temáticas, Desfiles, Passeatas e Rodas de Conversas, mobilizando comunidades de terreiros, jovens, homens e mulheres negros.

Uma ação potente do ISBCA é a parceria com os colégios e escolas municipais, estaduais e particulares na região de Porto Seguro. Dentre essas parcerias, destacam-se aquelas realizadas com o Colégio Estadual Dr. Antônio Ricaldi, que foram de fundamental importância para que a pauta do enfrentamento ao racismo pudesse ser discutida por toda a comunidade escolar. Além disso, as parcerias envolviam o desenvolvimento de ações e atividades conjuntas tais como oficinas, palestras, participação em eventos, etc.

Destaco a participação do Colégio Ricaldi nos Desfiles da Beleza Negra "A Mais Bela Chama da África", concurso este que teve por diversas vezes a vitória de nossas alunas nos primeiros lugares. De fundamental importância, é o envolvimento de nossos/as alunos/as nesses eventos, pois, de uma forma lúdica e estética, discutem-se questões basilares para a afirmação da identidade negra no município.

Estrategicamente, o ISBCA estabelece parcerias com outros movimentos negros locais, estaduais e nacionais, visando denunciar as situações de racismo que afetam a população negra porto-segurense, e também com a Prefeitura local para que as pautas do movimento

negro sejam implementadas através de políticas públicas específicas voltadas para a população negra, que, em 2010, correspondia a 73% da população municipal.

Em 2007, foi criado o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial – COMPIR e, no mesmo ano, o município fez sua adesão ao Fórum Estadual de Gestores Municipais de Promoção da Igualdade Racial vinculado à SEPROMI. Em 2008, foi criada uma Coordenação de Diversidade vinculada à Secretaria de Educação.

Acompanhei junto ao município a criação da Lei 976, de 30 de setembro de 2011, que tratou da instituição do Plano Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, visando combater a discriminação racial, as desigualdades estruturais e de gênero a partir dos seguintes eixos e suas respectivas diretrizes e ações: Desenvolvimento econômico, Trabalho e Renda; Educação das Relações Étnico-raciais; Saúde da População Negra; Segurança Pública, Justiça, Cidadania e Direitos Humanos; Quilombolas; Religiões de Matriz Africana; Combate ao Racismo e Sexismo Institucional; e Acompanhamento, Monitoramento e Avaliação.

Agnaldo Neiva
Sociólogo e professor

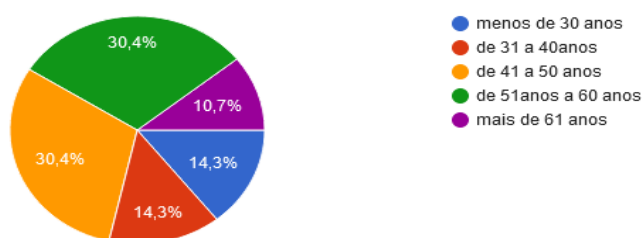
Como vemos no ecoar dessas vozes, a presença de um grupo de militantes, na sua maioria negros/as, mostra a importância da luta do ISBCA para um bem coletivo em Porto Seguro, ao pensar em igualdade racial e justiça social e fomentar e acompanhar, nos diferentes espaços da sociedade, discussões para a garantia de direitos.

4.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir das respostas dos participantes e da aquisição de documentos, são aqui apresentados os **dados estatísticos levantados de cada questão**.

01 – Quando perguntado sobre **faixa etária**, foram obtidas as informações seguintes de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Faixa Etária

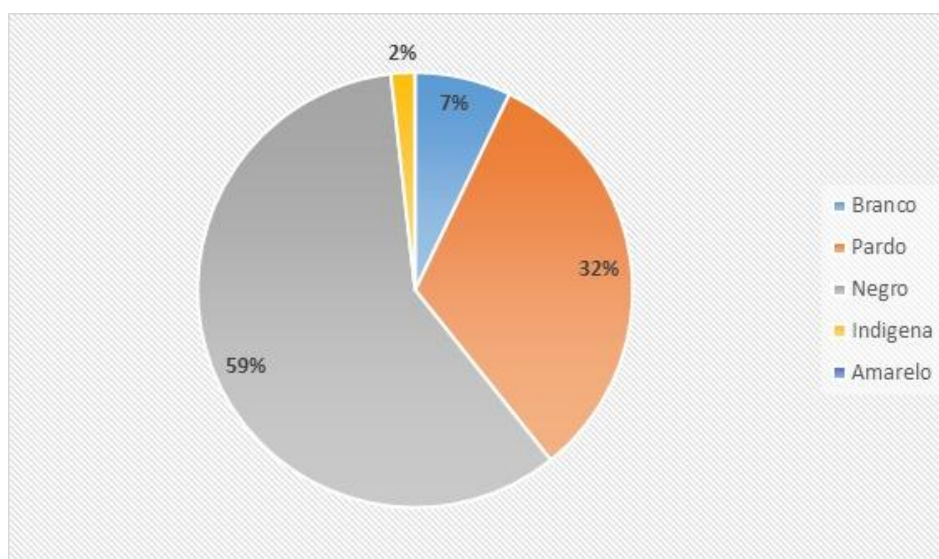


Fonte: Elaboração própria (2020).

Observa-se que 30,4% dos entrevistados encontram-se na faixa etária entre 41 e 50 anos, seguidos por 30,4% entre 51 a 60 anos, 14,3% de 31 a 40 anos, 14,3% com menos de 30 e 10,7% acima de 60 anos. A grande maioria compreende a faixa acima de 30 anos (69,6%). A faixa que compreende a juventude aparece com [30,4% 14,3% apenas, o que denota a necessidade de maior atenção e inserção desse grupo nas ações desenvolvidas pela Rede de Promoção da Igualdade Racial em Porto Seguro.

02 – Em relação ao pertencimento a um **grupo étnico-racial**, os dados coletados se espelham no Gráfico2.

Gráfico 2 – Grupo étnico-racial em que se inclui

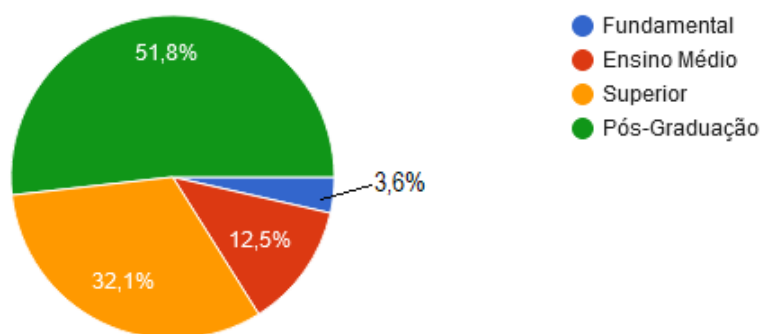


Fonte: Elaboração própria (2020).

Dos 56 entrevistados no quesito étnico-racial, a grande maioria (59%) posicionou-se como negro, seguido dos que se consideram pardos 32%, brancos (7%) e índios, com apenas 2%. Há de se salientar que a pesquisa foi direcionada a pessoas que integram a Rede de Promoção da Igualdade Racial do Município, a qual compreende integrantes do ISBCA, da Superintendência de Promoção da Igualdade Racial, do Centro Municipal de Pesquisa Educação e Cultura, da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial e de Gênero, entre outros.

03– Na sequência, são analisados os dados relativos à questão sobre o **nível de formação educacional** dos entrevistados de acordo com o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Nível de formação educacional

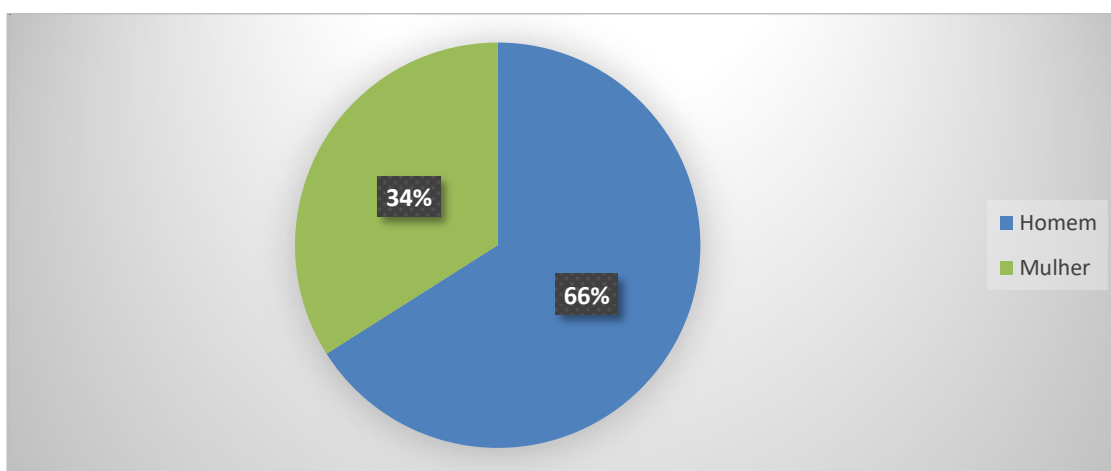


Fonte: Elaboração própria (2020).

Tendo como base os integrantes da Rede de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro, os quais responderam o questionário, nota-se que a grande maioria possui nível educacional com Pós-graduação(51,8%), seguido do nível superior com 32,1%,do Ensino Médio (12,5 %) e apenas 3,6% com o Ensino Fundamental.

04– Quanto à **autoidentificação de gênero**, o Gráfico 4 mostra os resultados obtido.

Gráfico 4 –Autoidentificação de Gênero

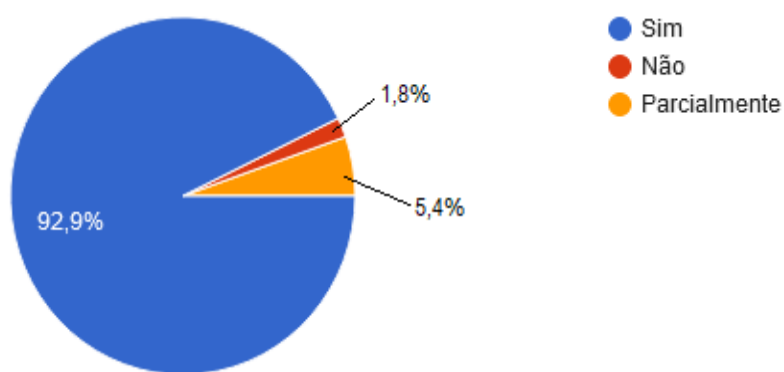


Fonte: Elaboração própria (2020).

No quesito gênero, os dados espelham: 66% são homens, 34% mulheres . A questão de gênero merece ser observada por se tratar de uma pesquisa feita em uma Rede que sinaliza não haver paridade entre homens e mulheres.

05 – Quanto à contribuição do Instituto Sociocultural Brasil Chama África para a construção das políticas de igualdade racial no município de Porto Seguro-BA, foram obtidas as respostas espelhadas no Gráfico a seguir.

Gráfico 5 – Contribuição do ISBCA para a construção das Políticas de Igualdade Racial no Município de Porto Seguro-BA

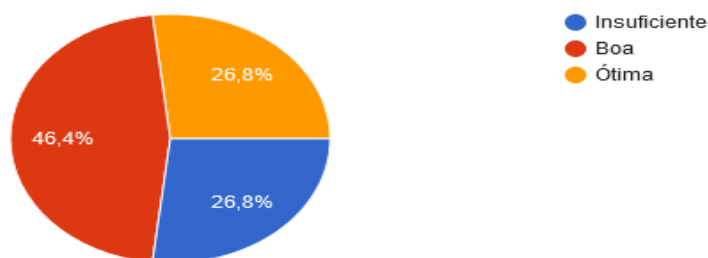


Fonte: Elaboração própria (2020).

Sobre a contribuição do ISBCA na Construção de Políticas de Igualdade Racial no Município, nota-se um aspecto relevante e positivo por demonstrar que o Instituto, para uma expressiva maioria (92,9%), foi importante nesse processo, 5,4% pontuam como parcial e apenas 1,8% não observou relevância nessas políticas da Instituição.

06 – Na avaliação sobre a participação do movimento negro na construção das políticas de igualdade racial no município de Porto Seguro-BA, os dados obtidos estão registrados no Gráfico 6 na sequência.

Gráfico 6 – Definição da participação do movimento negro na construção das políticas de igualdade racial no Município de Porto Seguro-BA

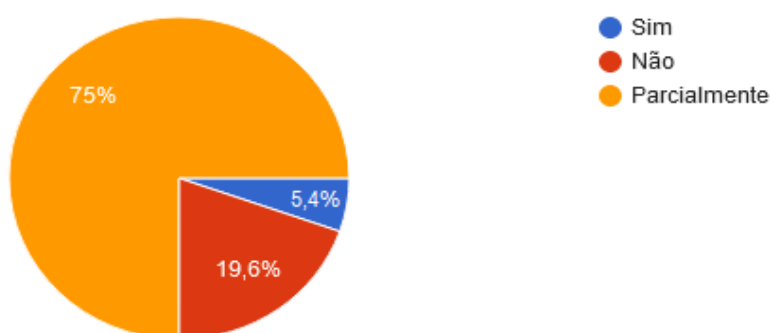


Fonte: Elaboração própria (2020).

Quase a metade dos entrevistados (46,4%) considera a participação no Movimento negro como Boa, 26,8% boa e 26,8% insuficiente. De modo geral os integrantes da pesquisa acenam como positiva a participação.

07 – Sobre o ponto de vista se as **políticas de promoção da igualdade racial em Porto Seguro-BA** foram e estão sendo aplicadas/garantidas, as respostas obtidas estão descritas no Gráfico a seguir.

Gráfico 07 – Ponto de vista sobre as políticas de promoção da igualdade racial em Porto Seguro-BA



Fonte:Elaboração própria (2020)

Quanto à efetivação das Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial em Porto Seguro-BA, apenas 5,4% dão como garantida a aplicação dessas políticas. A grande maioria (75%) entende como parcial e um número reduzido, mas expressivo (19,6%), não acha que essas políticas estão sendo aplicadas.

[

50 PRODUTO FINAL

Como produto final desta pesquisa, desenvolvida observando dados representativos da atuação do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no Município de Porto Seguro, Bahia, trago a formatação de livro impresso e digital com informações que traduzam, de forma ampla e sequencial/cronológica, a participação do povo negro de Porto Seguro, no intuito de efetivar a criação de uma instituição organizada e oficializada publicamente para a promoção da igualdade racial e o fomento a políticas públicas afins. Tal livro visa municiar historiadores, docentes, estudantes e movimentos negros com informações relevantes que possam corroborar com o tratamento das informações e a sistematização dos conhecimentos, com vistas a construções de novos trabalhos, como também na formação de acervo histórico que reverbere as lutas, os embates e as conquistas do povo negro em Porto Seguro, na Bahia e no Brasil.

A escolha do ISBCA deve-se ao fato de este figurar como o primeiro Movimento Negro organizado e oficialmente registrado na cidade de Porto Seguro, Bahia, e que é responsável pela implementação de políticas essenciais à temática em questão.

O livro *A História do Movimento Negro em Porto Seguro, Bahia: a influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no processo de criação da Política Municipal de Igualdade Racial* surge como resultado do projeto de pesquisa desenvolvido por mim na Universidade Federal do Sul da Bahia, sob orientação da Professora Doutora Fabia Barbosa Ribeiro, junto ao Programa de Relações Étnico-Raciais – PPGER, em 2019. Parte de um olhar pessoal e de uma reflexão sobre os fatores que influenciaram o meu percurso de vida e as minhas relações com questões de identidade racial; revela os momentos iniciais da minha participação junto à luta do povo negro na busca por Promoção da Igualdade Racial no Rio de Janeiro, seguindo para o meu trajeto na Bahia, o qual culminou com a criação do ISBCA no município de Porto Seguro, Bahia. O ponto de partida para o aprofundamento e a militância ainda mais engajada no Município surgem de um momento singular vivido, no qual minha filha Mônica Moara, ainda criança, passa por uma experiência triste de racismo, ao ser apelidada na escola de “carvão vegetal”. Das reflexões sobre a repercussão desse fato em família, das lembranças de um passado permeado por preconceito e racismo por mim vivido, surge uma força capaz de reverberar junto a outros sujeitos que comungaram pensamentos e reflexões afins, para estruturação e funcionamento do primeiro movimento organizado de negros e negras em Porto Seguro-BA.

Em relação ao livro, este envolve ainda observações pessoais, levantamento bibliográfico, histórico e cronológico, por intermédio de dados recolhidos junto a Órgãos Públicos Municipais, publicações no *Diário Oficial do Município*, artigos em jornais locais e registros em atas de reuniões do ISBCA. Para tanto, apresenta-se, em geral, a forma de pesquisa bibliográfica e qualitativa, ações organizadas para o fomento de políticas públicas municipais de Promoção da Igualdade Racial no município, comotambém o preenchimento de questionários na *Plataforma Googledocs*. e depoimentos escritos. Serãoapresentados documentos de 2007 até 2019, com o objetivo de contextualizar as ações desenvolvidas pelo ISBCA, na busca de melhorproporcionar conhecimento básico da politica de igualdade racial para as pessoas e instituições que se interligam no tempo e na história do Movimento Negro em Porto Seguro-BA.

Figura 1 – Produto final



Fonte:Elaboração própria (2021).

CRÉDITOS DO LIVRO:

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO EM PORTO SEGURO-BAHIA
A influência do Instituto Sociocultural Brasil Chama África no processo de Criação de
Política Municipal de Igualdade Racial

Idealizadora: Miriam Conceição da Silva (Orientanda)

Fabia Barbosa Ribeiro (Orientadora)

Prefácio: Ivanir Santos

Apresentação: Elisa Larkin

Orelha: Carleone Filho

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relação Étnico-raciais/PPGER UFSB

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe-me a possibilidade de uma reflexão profunda sobre a minha trajetória de vida e sobre os meus passos junto ao Movimento Negro. Uma reflexão que vai além de uma perspectiva individual, indo abraçar uma causa histórica e coletiva: a luta do povo negro por liberdade e igualdade de direitos. Muitos momentos trouxeram à tona sentimentos tristes que marcaram algumas trajetórias vividas enquanto mulher negra, mas também outros capazes de me fazer lembrar o quanto fui forte diante do racismo, do preconceito, o quanto fui capaz de me refazer a cada tombo, me transformando em uma pessoa mais consciente do meu papel social e capaz de ir à luta e fazer frente às mazelas vividas pelo povo negro na cidade onde vivo: Porto Seguro, Bahia. Uma luta que comungo com outros sujeitos que, a meu lado, marcaram a criação e a trajetória do Instituto Sociocultural Brasil Chama África. Uma trajetória de avanços substanciais advindos da luta desta instituição por políticas públicas municipais de promoção da igualdade racial. Hoje, sinto-me gratificada ao observar o trabalho construído na Universidade Federal do Sul da Bahia, a qual me acolheu e orientou na construção da pesquisa e na perspectiva de criação de um livro capaz de reverberar as vozes e ações desta luta em Porto Seguro, livro este que poderá servir como fonte futura de pesquisa sobre a nossa história. Afinal, o momento se constitui como o fechamento de mais um ciclo da minha vida, o qual, certamente, abrirá novas portas para que eu possa caminhar levando a minha voz e a voz daqueles que colaboraram e colaboram cotidianamente para o meu crescimento enquanto mulher negra e de luta! Agora irei erguer mais e mais a minha voz!

REFERÊNCIAS

- ADESKY, Jacques d'. **Antirracismo, liberdade e reconhecimento**. Rio de Janeiro. Dadut, 2006.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. **De uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BAHIA, Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI). **Revolta dos Búzios completa 223 anos representando luta e resistência**. Salvador, 2021. Disponível em: <http://www.sepromi.ba.gov.br/2021/08/2799/Revolta-dos-Buzios-completa-223-anos-representando-luta-e-resistencia-.html> Postado em: 11/08/2021 12:20. Acesso em 20 de out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Brasília-DF: SECAD, out. 2004.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989 (Lei Cao). Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Diário Oficial da União**, 6 jan. 1989 – Seção I.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei no 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília-DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.288, de 20 de Julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; Altera as Leis nos 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, 9.029, de 13 de Abril de 1995, 7.347, de 24 de Julho de 1985, e 10.778, de 24 de Novembro de 2003. Brasília-DF, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Lei de Cotas)**. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências**. Brasília-DF, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/.../. Acesso em: 12 jun. 2021.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. Trad. Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientia Studia**, São Paulo, v.6, n.2, p.201-218, 2008.
- DIÁRIO DA BAHIA: Salvador, Bahia, 1933. Seção I, p. 7
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Rio de Janeiro: UCAM, 2007.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Livro de Aço dos Heróis Nacionais Brasileiros exalta líderes da Revolta dos Búzios. *Portal Institucional*. Brasília-DF, 2011.
- GARAEIS, Vítor Hugo. A história da escravidão negra no Brasil. Portal Geledés, 13 jul. 2012.
- GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. São Paulo, Centro Cultural, 6 mar. 2016. Palestra-*performance*

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Maria. **Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana – 1920-1940**. São José: Premier: 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.3, p.621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br>/.../>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU). **Zumbi apareceu na Coroa Vermelha** [Cartilha]. Salvador, 2000.

NASCIMENTO, Abdias do. **90 anos: memória viva**. Organização de Elisa Larkin Nascimento. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. Depoimento. In: DOCUMENTÁRIO de TV: 'Abdias: Raça e luta'. Direção: Maria Maia. Produção: Cristina Monteiro. 11 maio 2012

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Africanidades espetaculares dos blocos afros: Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê Bankomapara a cena contemporânea numa cidade transatlântica. **Repertório**, Salvador, n.19, p.103-113, fev. 2003.

PIERANTI, Octavio Penna. A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: uma decisão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. **Cadernos EBAPE-BR**, FGV, v.6, n.5, p.1-12, mar. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, BAHIA. **Lei Municipal nº 488/03, de 16 de Setembro de 2003**. Autoriza a Prefeitura Municipal de Porto Seguro, a incluir em caráter optativo, a prática de capoeira nas escolas municipais, e dá outras providências. Xerocop do original.

SANTOS, Hélio. **A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso**. 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

SILVA, Maria da Conceição. **Conhecimento científico e o saber popular sobre os moluscos nos terreiros de candomblé de Recife e Olinda, Estado de Pernambuco**. João Pessoa: UFPB, 2006.

TAVARES, Júlio. **Retrospectiva histórica do Movimento Negro**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2008.

VITA, Marcos. Protesto do Descobrimento deixa 141 feridos na Bahia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo: 23 abr. 2000. Caderno Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2304200002.htm>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

A entrevista será feita em questionário escrito, de maneira semiestruturada, com um roteiro de interação que busca prévio conhecimento acerca de aspectos pessoais dos/as entrevistado/as, os quais vão desde dados oficiais de registros de cidadão, a dados socioeconômicos e de formação acadêmica. Dúvidas sobre os itens pesquisados serão retiradas presencialmente pela pesquisadora, permitindo o fluxo natural das experiências e linguagens dos participantes:

Roteiro

1) Faixa etária:

- ☐ menos de 30 anos ☐ de 31 a 40anos
☐ de 41 a 50 anos ☐ de 51anos a 60 anos ☐ mais de 61 anos

2) Em qual grupo étnico-racial você se inclui?

- ☐ branco ☐ pardo ☐ negro ☐ amarelo ☐ indígena

3) Qual seu nível de formação educacional;

- ☐ Fundamental
☐ Ensino Médio
☐ Superior
☐ Pós-Graduação

4) Autoidentificação de Gênero:

- ☐ Homem ☐ Mulher()Outra: Especificar _____

5) No seu ponto de vista, o Instituto Sociocultural Brasil Chama África contribui para a construção das Políticas de Igualdade Racial no Município de Porto Seguro?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Parcialmente

6) Como você define a participação do Movimento Negro na construção das políticas de Igualdade Racial no Município de Porto Seguro?

☐ Insuficiente

☐ Boa

☐ Ótima

7) No seu ponto de vista, as políticas de Promoção da Igualdade Racial em Porto Seguro foram e estão sendo aplicadas/garantidas?

☐ Sim

☐ Não

☐ Parcialmente

APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS

Fotos 1–Eu e minhas filhas, Moara e Marina(2019)/2 –Eu no colégio interno com 11 anos (1974)



Fonte:Acervo pessoal



Fonte:Acervo pessoal

Foto 3 –Filhas e a neta Gaia(2010)



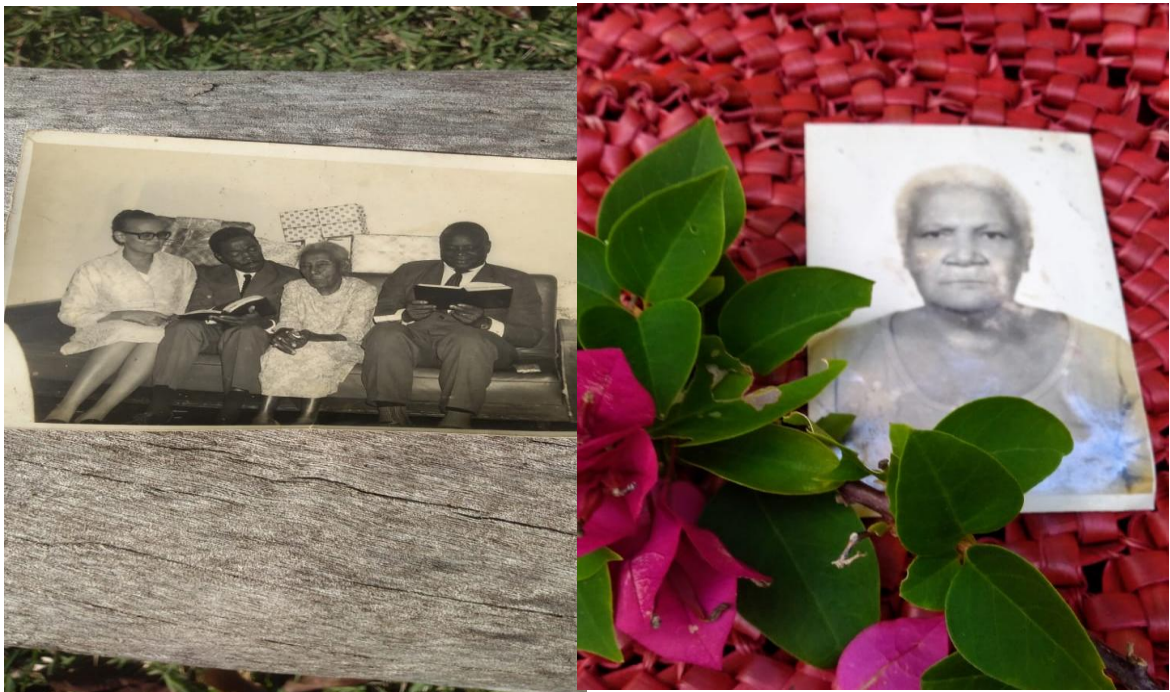
Fonte; Acervo pessoal

Foto 4 –Meu esposo e eu(Milano, 1993)



Fonte: Acervo pessoal.

Fotos 5–Meu pai e minha avóMaria(1971)/6 –Minha mãe Celina(1994)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 7 –Bloco Brasil Chama África –Carro Abre Alas (2018)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 8 – Exposição de livros:Semana Consciência Negra com diretores da Ong (2017)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 9 –Encontro com Carlinhos Brown e grupo de italianos no Candeal, Bairro de Salvador(2018)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 10 –Encontro Billy Arquimimo e Hélio Santos– Lançamento do Livro do Mauricio Pestana –
Racismo Cotas e Ações Afirmativas-Salvador (2017)



Fonte; Acervo pessoal.

Foto 11 – Dia da África– Porto Seguro (2018)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 12 – Desfile do Bloco Brasil Chama África – Porto Seguro (2017)



Fonte: Acervo pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 15 –Palestra com Sueli Carneiro e Nilcea FreireMinistra de Políticas para as Mulheres(2012)



Fonte; Acervo pessoal.

Foto 16 –Desfile Bloco Brasil Chama África (2018)



Fonte; Acervo pessoal.

Foto 17 – Novembro Negro (2017)



Fonte; Acervo pessoal.

Foto 18 –Marcha Mulheres Negras (2015)



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 19 – Novembro Negro (2017)



Fonte; Acervo pessoal.

Foto 20 –Novembro Negro Itinerante no ColégioRicaldi com o Jornalista, Cartunista Ativista Mauricio



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 21 –Visita do Jornalista e cartunista Mauricio Pestana àEscola AntônioRicaldi(2013)



Fonte; Acervo pessoal.

ANEXOS

ANEXO A – CARTAZES DE EVENTOS DO ISBCA



NOVEMBRO NEGRO
MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

100 anos de **Abdias**

O NEGRO E A CIDADANIA:

Local: Centro de Cultura de Porto Seguro

12 | Nov - 14h
Workshop Dança Afro - Mari Chachá
com alunos da rede municipal de ensino

13 | Nov - 18h
Lançamento do Livro do escritor Maurício Pestana
"RACISMO - Cotas e Ações Afirmativas"

13 a 28 | Nov
Exposição Onixas da Bahia- Carleone Filho

17 | Nov
Exposição "Abdias Nascimento" Curadoria Rosalette Meirelles
EJA- Colégio M. Brigadeiro Eduardo Gomes -Arraial d'Ajuda
Exposição fotográfica: Olhos do IFA | Gilmar Mota e
alunos da FNSL

18h30 - Exposição "Abdias Nascimento e o Jornal Quilombo:
Luta antirracista no Brasil" Prof. Edevard França Júnior
e alunos de História IV

20h - Palestra "Vida e Obra de Abdias Nascimento"
Elisa Larkin Nascimento (IPEAFRO-RJ)

- Momento Cultural -
"Homenagem a Clementina de Jesus"
Martha Mattos - Casa Euménica Pai José

18 | Nov
9h até 17h - Oficina de percussão - Rítmicos Tradicionais
Afro Brasileiros c/ Betinho Cruz - R\$ 70,00

19h30- Palestra "Garantias da diversidade étnica
religiosa e cultural na mídia | Daniela Luciana
Silva- (Brasília) Mediação: Prof. Alexandre de
Oliveira Fernandes
Momento Cultural: Dança e Capoeira - Alunos da FNSL

19 | Nov
10h, 15h e 19h - Mosta Cultural e Resistência Negra no Brasil
Curadoria Juca Fonseca | Arraial Cine fest - sala 1

20h - Desfile Beleza Negra : A mais bela Chama da
África - Curadoria Gilmária Menezes, Carleone Filho
(SEC/ISBCA)

Apresentação Cultural : Mari Chachá e Marcelo Botini

20 | Nov
9h - Momento Cultural com recital de alunos da UFSB

Colóquio com as universidades (UFSB / UNEB / IFBA / FNSL)
Curadoria Agnaldo Neiva / Erolides Morem

MESA 1
- Quilombos Helvécia | Prof. Dr. Gean Paulo (UNEB)

- Beleza e Ascensão Social na Imprensa Negra Paulistana
Profª. Dr. Maria Aparecida Lopes (UFSB)

- Padê de Exu libertador: Encruzilhadas
Prof. Dr. Alexandre Fernandes (FNSL)

MESA 2
- Gestão Pública e Resistência Negra –
(Preconceito Institucional) Prof. Esp. Agnaldo Neiva

20h30 - Espetáculo Teatral - Consciência em Preto e Branco -
O que te escraviza? O que te liberta?
R\$ 20,00 (int) e R\$ 10,00 (meia e antecipado)

20h30 - Espetáculo Teatral - Consciência em Preto e Branco -
O que te escraviza? O que te liberta?
R\$ 20,00 (int) e R\$ 10,00 (meia e antecipado)

Apoio Cultural:

Realização:

DE TEATRO

COMPIR

MANGUTI
CIA DE TEATRO

UFSB

CLAUDIA
SOUTO



NOVEMBRO NEGRO

"A COISA VAI FICAR PRETA" RESISTÊNCIA NEGRA

Centro de Cultura de Porto Seguro

15 a 18.nov
- Feira de Empreendedorismo Afro

8.nov das 8h30 até 12h
- Mesa redonda sobre Racismo na Costa do
Descobrimento: OAB, ISBCA, SUPIR, UFSB, COMPIR,
OBSERVATÓRIO SOCIAL, BATALHÃO, SOCIEDADE CIVIL,
MINISTÉRIO PÚBLICO, DELEGACIA, COLEGIADO, CULT

15.nov das 10h até 18h30
- Apresentação Cultural Casa Euménica
Pai José (ISBCA/Terreiros)
- Mesa Redonda : Quem é do Axé diz que E!
Comunidades de Terreiros e Professores.
- Samba de Roda e Mariscada Cantina
Koisas Nossas
- Roda de Diálogos - Educação na Diversidade
- Vitória Régia (UFMG)
- Exposição Estética Negra - Estudantes UFSB
- Mateus Aleluia - Apresentação Musical

16.nov - 18h30
- I Mostra de Dança de Matriz Afro
(Felicidade não tem cor/ Kaito/ Natália/
Brazouka Ododwa/ Santo Rei/ AFEFE)

17.nov - 8h30 até 12h30
- Apresentações culturais
- Mesa de abertura
- Roda de conversa sobre racismo -
(Naja Santos e Vanessa dos Santos- Salvador).
- Minicursos: Desvendando o Candomblé -
com Mãe Luana de Onira
- Funk e Empoderamento: a letra de funk para
empoderar - Thawan Dias
- Capoeira e Maculelê - Mestre Eros
- Um olhar histórico das religiões de matrizes
africanas - profª. Neidinha
- Estatuto da Juventude: O jovem e seus direitos -
4TB

18h30
- APRESENTAÇÃO MUSICAL HOMENAGEM A GIL
com grupo riso de belmonte (ISBCA)
- Palestra: O legado de Malcom X e o genocídio do
povo negro brasileiro. com Gleidson Bomfim/FNSL

18.nov - 18h
- Desfile a Mais Bela Chama Da África
Apresentações Artísticas
(sme /cempec / Isbca/compir/supir)

Apoio Institucional:

APLE

UFSB

PORTO SEGURO

PORTO SEGURO

ESPAÇOS CULTURAIS

BAHIA

Realização:



**BLOCO
BRASIL
CHAMA
ÁFRICA
SUZANA LIMA
ABAQUETADA, VIVE!**

realização

22.02.2020(sábado) às 19h
Concentração:
Centro de Cultura de Porto Seguro





14º
NovEMBRO
NeGRos =

A HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA:
MEMÓRIAS, LUTAS E AS DIVERSAS FORMAS DE RESISTÊNCIA
E ENFRENTAMENTO AO RACISMO.

18.11 ABERTURA COM O CORAL MUNICIPAL E FALA DOS ORGANIZADORES:
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, SUPERINTENDÊNCIA DE PROMOÇÃO
DE IGUALDADE RACIAL E INSTITUTO SOCIOCULTURAL BRASIL CHAMA ÁFRICA;

19.11 ABERTURA GRUPO JOVENS PROJETO REFORMULA DO INSTITUTO DESCOBRIR.
RODA DE CONVERSA: ALINE BISPO (MESTRANDA UFSB) "A MINHA EXPERIÊNCIA
ENQUANTO PESQUISADORA NEGRA, ORIUNDA DA PERIFERIA";

20.11 14º DESFILE "AS MAIS BELAS CHAMAS DA ÁFRICA".

REALIZAÇÃO

 **Porto Seguro**
Para Viver e Ser Feliz!

 **Instituto Sociocultural
Brasil Chama África**

- Secretaria Mun. de Educação
- Superintendência Mun. de
Igualdade Racial de Porto Seguro

FEIRA AFRO, EXPOSIÇÃO FOTOGRAFIA MULHERES DE EBANO
CENTRO DE CULTURA DE PORTO SEGURO - A PARTIR DAS 19H

*De 04 a 30 de Novembro - Programação com temáticas Afro nas escolas públicas

DIA DA ÁFRICA • 25 DE MAIO

@INSTAGRAM.COM/
BRASILCHAMAAFRICA

seg
19h

especial CHAMA ÁFRICA online

Palestra Dra. MARIA APARECIDA LOPES (UFSB)
Exposição
MULHERES DE ÉBANO: LUCY BARBOSA
Poesia SABRINA PILOTO
ROSÂNGELA NASCIMENTO
Dança MOARA SACCHI
Música PRISCILA DUQUE,
CLAUDINHA ROSA & IGOR SENA
Saudação MIRIAM SILVA

Realização:




XI DESFILÉ BELEZA NEGRA

A mais Bela Chama da África

24/NOV ÀS 18H
CENTRO DE CULTURA DE PORTO SEGURO
*ENTRADA FRANCA

ATRAÇÕES CULTURAIS
+ ABAQUETADA E PROJETO CURIMBINHA
CASA ECUMÊNICA PAI JOSÉ

ORGANIZAÇÃO:
ISBCA
COORDENAÇÃO DA DIVERSIDADE
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PORTO SEGURO
CEMPEC

LOJA RUSTIKAMENTE
GINGA MODAS

oBoticário
CLAUDIA SOUTO

SAHDERDESIGNER

PORTO SEGURO

BAHIA





vila
criativa
SANTO ANDRÉ - BAHA

CELEBRA:



DIA NACIONAL DA CAPOEIRA



03.AGOSTO

DAS 17H ÀS 20H

*Entrada
Franca

RODA DE CONVERSA "INTRODUÇÃO A CAPOEIRA ANGOLA
E SAMBA DE RODA" COM MESTRE PÉ DE CHUMBO

Local: Av Beira Rio 22, Santo André, Santa Cruz Cabralia

Apoio Cultural



campo bahia

MESTRE
PÉ DE CHUMBO



Realização





DIA DA ÁFRICA

25 | 05 • CENTRO DE CULTURA DE PORTO SEGURO • 18H

DEBATE: "AS CONDIÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL PÓS 130 ANOS DA ABOLIÇÃO"

PALESTRANTES: JOSELITO CRISPIM (PARTIDO FRENTE FAVELA BRASIL) JHONATAN MONTEIRO (PSOL), PROF. LEONARDO LACERDA CAMPOS (FNSL)

DANÇA: MARY MARTINS, MARCIA OLIVEIRA (CEMEC) E MARIA RIOS PERFORMANCE AFRO




APOIO



SECRETARIA DE CULTURA



REALIZAÇÃO






BLOCO BRASIL CHAMA ÁFRICA

40
ANOS
blocos Afro na Bahia

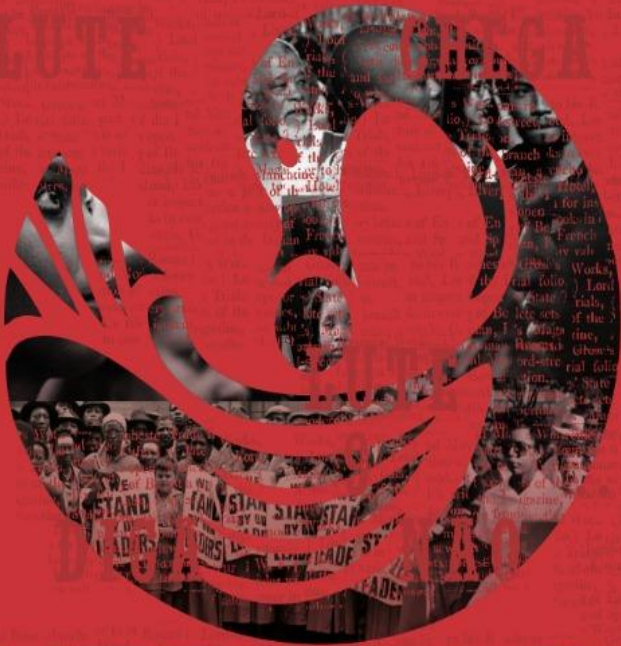
02/03 - domingo

Concentração: 16h (com cerveja e acarajé)

Área verde do Centro de Cultura

Abadá: R\$ 20.00 (vinte reais)





DIA INTERNACIONAL DE LUTA CONTRA O RACISMO

20.MAR.2020
9H ÀS 13H
**CÂMARA DE VEREADORES
DE PORTO SEGURO**

Palestra com o Professor Gabriel Nascimento / UFSB

PARTICIPAÇÃO	APOIO	REALIZAÇÃO
UFSB FNSL UNEB OAB COMPIR	Câmara de Vereadores de Porto Seguro	



ANEXO B – ENTREVISTA, JORNAIS E EVENTOS

6

14 de Maio de 2006

TRIBUNA DA COSTA

Porto Seguro debate questões étnicas raciais

A Comissão Pró Conselho de Políticas Étnico-Raciais discute no próximo dia 17 de maio, na sede da OAB de Porto Seguro, a minuta de um estatuto e de um regimento interno. O movimento começou a se reunir em março deste ano, mais especificamente no dia 21, Dia Nacional da Luta Contra as Desigualdades Raciais. Os criadores da Comissão são os próprios moradores da cidade e que sonham com um movimento que privilegie o resgate cultural, dentre eles, coordenadores de ongs, professores, bailarinos, empresários e historiadores.

A idéia é formar um conselho municipal e disseminar a cultura africana em todos os pontos do município, iniciando a longa jornada pela Rede Pública de Ensino. A Comissão entrou em contato com a Ministra da Secretaria Especial de Políticas e Promoção de Igualdade Racial do Governo Federal, Matilde Ribeiro e já contam com o apoio de entidades e órgãos públicos de Salvador, como a Secretaria Municipal da Reparação, que apóia, inclusive, a criação de uma secretaria e não apenas um conselho. Em Porto Seguro, a Comissão obteve o apoio do Prefeito Jânio

Natal e da Câmara de Vereadores.

Até o momento foram realizadas três reuniões, onde participaram cerca de 30 pessoas, contando com representantes das secretarias de Turismo, Educação e Cultura, Litoral Sul, Ação Social e entidades e ongs.

Dentre as principais ações da Comissão está o agendamento com a Ministra de um Fórum com o intuito de capacitar os professores da Rede Pública, aplicando, assim, a Lei 10639 de 2003, que se refere ao estudo das origens africanas do Brasil nas escolas e, ainda, tentar trazer para Porto Seguro o Projeto a Cor da Cultura, parceria entre a Petrobrás e o Ministério da Cultura.

O objetivo é fazer com que as crianças conheçam suas verdadeiras raízes: "A idéia é criar uma sociedade mais justa e igualitária. O povo negro teve uma contribuição muito grande em nossa cultura. Faz 118 anos que foi outorgada a abolição da escravidão e ainda podemos acompanhar a luta de ongs em todo Brasil para mudar a imagem social do negro no país", declarou a organizadora da Comissão, Miriam Silva.





**COMISSÃO PRÓ-CONSELHO DE
PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**

CONVITE

Convidamos a Comissão, Conselheiros e Amigos, para a reunião no dia 07 de Novembro.
Hora: 09:30h - Local: OAB (Porto Seguro)

Pauta:
Encaminhamentos do Projeto de Lei, Programação da Semana da Consciência Negra, Programação para o Dia Nacional do Samba e Participação no Pólo do Turismo Cultural da Costa do Descobrimento.

Coordenação
Miriam Silva - Amarailton C. Souza
CONSELHOETNICO@YAHOO.COM.BR
8802 5506 / 8824 2561

Entidades

TRIBUNA DA COSTA

24 de Dezembro de 2006 07



**Programa Cultural
"BRASIL CHAMA ÁFRICA"**

Comissão Pró-Conselho de Promoção
da Igualdade Racial de Porto Seguro

O novo programa cultural da Rádio Arraial FM, irá ao ar semanalmente às sextas, das 16:00h às 17:00h e será conduzido por Miriam Silva e Jairo Monteiro, integrantes Movimento Pró-Conselho de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro. Os ingredientes dessa transmissão serão a influência da música africana no Brasil e nos Países da Diáspora *(Países que receberam imigrantes africanos), todas as formas da cultura africana, temperado com entrevistas, participações ao vivo e muito mais.

Esperamos todos vocês às sextas às 16:00h com "BRASIL CHAMA ÁFRICA" no dial 100.3 FM da ARRAIAL FM



Contato : brasilafrika@hotmail.com

Tel : 8802 5506 (Miriam)
Tel: 8811 6641 (Jairo)

Miriam Silva e Jairo Monteiro

Entidades


**Comissão Pró- Conselho de Promoção da
Igualdade Racial de Porto Seguro**

CONVOCAÇÃO

Convocamos a toda a comissão
Pró -Conselho de Promoção da Igualdade
Racial , para a reunião no dia 09 de janeiro
de 2007.

Hora : 15:00h
Local: OAB- Porto Seguro.

Pauta:
Formação de uma ONG , para cuidar dos
assuntos dos afro-descendentes , do
município de Porto Seguro e Região.

Leitura do Estatuto
Formação da Nova diretoria
E Criação do INSTITUTO
SÓCIO CULTURAL BRASIL CHAMA
ÁFRICA(sugestão do nome)

Contamos com a presença de todos
, a luta continua..

Coordenação
Miriam Silva - Amaralilton C. Souza

Contatos: conselhoeitnico@yahoo.com.br
Tel: (73)8802 5506 8824 2562

TRIBUNA DA COSTA

PORTO...

RS 1,00

LEIA - ASSINE - ANUNCIE

COMPROMISSO COM A INFORMAÇÃO


**Comissão Pró-Conselho Municipal de
Promoção da Igualdade Racial**


No último dia 8 de março
de 2007, a Comissão Pró-
Conselho Municipal de Promoção
da Igualdade Racial, reuniu-se
com o Procurador do Município
Dr. Glaucio Tourinho, e conseguiram
juntos fazer a leitura do

projeto de Lei que cria o
Conselho, que será enviado para a
Câmara de Vereadores na próxima
semana.

Na Câmara já está
agendada uma data em que um
representante do Conselho fará o

uso da tribuna, e explicar aos edis,
a importância desse projeto de lei
que cria o Conselho Municipal de
Promoção da Igualdade Racial,
diante do comprometimento de
promovermos a igualdade racial,
visando a valorização e o reconhe-
cimento da participação histórica
das populações negras, indígenas
e de outras etnias vulneráveis a
discriminação.

Cabe agora aos conselhe-
iros sensibilizarem o legislativo
para a questão da promoção da
igualdade racial.

Fica o convite à todos os
conselheiros para participarem
nessa sessão da câmara em que
faremos o uso da palavra.

A luta continua!
Miriam Silva
Comissão Pró - Conselho
Municipal da Igualdade Racial
de Porto Seguro

Aprovada minuta do Conselho de Igualdade Racial

Por Verônica Menezes

Foi criado, no dia 21 de março de 2006, o Conselho de Promoção da Igualdade Racial, na cidade de Porto Seguro. A ideia partiu de um grupo de professores, líderes comunitários e artistas locais. Ao todo são 40 pessoas envolvidas, além das secretarias de Educação, Cultura, Turismo, Litoral Sul e Ação Social.

A intenção do conselho é desenvolver atividades voltadas para a cultura afro-descendente. "Como nossa cidade não tinha nenhuma entidade preocupada com esta causa, nós, sensibilizados com a riqueza cultural e o desrespeito com a comunidade afro, to-

manos a decisão de abraçar esta bandeira", disse a coordenadora do conselho, Miriam Silva.

Desde a implantação, os membros já se reuniram cerca de 15 vezes, para discutir e elaborar a minuta da lei que criou o conselho, aprovada pelos vereadores, na sessão do dia oito de maio.

Conquistas

O conselho já teve várias conquistas no período, como a criação da Comissão de Proteção dos Afro-descendentes, na OAB, com um advogado responsável pelo setor, Alfredo Neto. Outra conquista foi o progra-

ma de rádio Brasil Chama África, na Arraial FM, 100.3, que divulga políticas públicas e cultura, no período de 16h às 18h, todas as sextas-feiras. A implantação da Lei 10.639 / 2003, que trata do ensino da África no município, também foi outra meta atingida, como também a parceria com a Fundação Palmares - MINC. Importantes parcerias também foram adquiridas, como o Sobrae, no projeto Pólo do Turismo Cultural e Artesanato da Costa do Descobrimento, além da organização da Semana da Consciência Negra, nas escolas da rede pública de ensino.

De acordo com a coordenadora, a participação na 2ª Conferên-

cia Internacional da África e da Diáspora - II CIAD - Salvador, também foi importante para o intercâmbio cultural, além da aquisição de materiais didáticos.

Os membros esperam o edital, expedido pelo Executivo, convocando o nome das pessoas que irão integrar todo o corpo do conselho, oficializando sua participação. Entre os nomes que irão representar a instituição, estão duas representantes de organizações negras não governamentais, um representante de expressão cultural ou religião afro, um representante da sociedade civil organizada, um representante do grêmio estudantil e um representante indígena.



brasileiro

"NOSSO COMPROMISSO É A SUA SATISFAÇÃO"

"ÔNIBUS COM AR CONDICIONADO, FAZ A LINHA PORTO SEGURO / CABRÁLIA"

25 de março de 2007

11

TRIBUNA DA COSTA

Na noite de 21 de março de 2007, aconteceu na sede da OAB a comemoração do primeiro aniversário da comissão Pró-Conselho de Promoção da Igualdade Racial, em que foram apresentados aos presentes as conquistas e os projetos futuros.

O evento contou com apresentação de slides, exposição de livros sobre o tema e artesanato feito por afrodescendentes, teve sorteios da grife Afro Rustikamente, e Axé do Bamba.

Estiveram presentes a coordenadora pedagógica do Município, da matéria história da África, o advogado Dr Alfredo Neto (Comissão de Proteção aos afrodescendentes- OAB), Professores, entidades parceiras, e jornalistas.

Foi feita a leitura do projeto de Lei que cria o conselho, aprovado com as modificações do Procurador Glauco Torinho, que agora vai ser encaminhado para a Câmara de Vereadores.

Parabéns, para a comissão!



História a favor da igualdade

O cronista Mauricio Pestana, em parceria com Olodum, conta a história da Revolta dos Búzios em uma obra imperdível

Preconceito advém da ignorância e por isso a história é muito importante para combatê-lo. E no Dia Internacional de Combate à Discriminação o cartunista e cronista político Mauricio Pestana lança uma obra de suma importância para quem quer conhecer mais sobre a trajetória histórica do negro no Brasil.

A obra "Revolta dos Búzios- Uma História de Igualdade no Brasil" foi lançada na última quarta-feira às 18h30, na Casa das Rosas, em São Paulo.

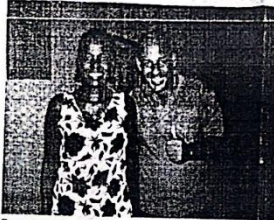
Também conhecida como "Inconfidência Baiana" a Revolta dos Búzios se deu em 12 de agosto de 1798. Com forte caráter popular o movimento defendeu a restauração de uma república na Bahia. O espírito abolicionista foi um dos pilares da conjuração, sob os ideais franceses da igualdade, da liberdade e da fraternidade.



Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial

Na mesma sessão foi aprovado por unanimidade o projeto de lei, de autoria do Executivo Municipal, que estabelece a criação do Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial. A ideia de criação do referido órgão foi resultado das reivindicações de algumas entidades representativas, como a OAB e o Movimento de Defesa de Porto Seguro, e pessoas como Miriam Silva do Instituto Brasil Chama África.

O vereador Aparecido Viana afirmou que buscou entendimento com os colegas no sentido de que o projeto em questão fosse votado com unanimidade. "Este projeto é de suma importância para nossa cidade. Nós, vereadores, estamos engajados



Representantes das entidades comemoram criação do Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial

nessa luta que é a promoção da cidadania em nossa cidade e fazemos o possível para que os movimentos sociais e de consolidação negra tenham sempre suas propostas e reivindicações acolhidas por esta casa", declarou.

"O nosso objetivo inicial é este, mas, na verdade, lutaremos contra todo tipo de discriminação"

Givan Florêncio, por seu turno, destacou o empenho de Miriam e de entidades como a OAB e o Movimento de Defesa de Porto Seguro na luta pela criação do Conselho. "O que eu espero é que este não seja apenas mais um conselho como tantos outros que existem em nossa cidade. O escudo deve ter o nome de conselho e chamá-las brevemente. Este projeto é muito importante para nossa cidade e para os afrodescendentes", declarou.

Os vereadores Enildo Rodrigues, Roló, e Carlos Martins emendaram no projeto e deram especial atenção à iniciativa de Miriam Silva, do Instituto Brasil Chama África, destacando a sua determinação de lutar "pelo" povo negro e pelo pleno exercício da cidadania e dos valores democráticos.

Miriam, por sua vez, declarou que a meta do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial é minimizar a discriminação racial em Porto Seguro. "O nosso objetivo inicial é este, mas, na verdade, lutaremos contra todo tipo de discriminação: não só contra negros, mas também contra mulheres, indígenas e pessoas carentes. A nossa luta é pelo respeito da cidadania a todos os segmentos sociais que convivem com o preconceito. Quanto a ideia que nos levou a batalhar pela implementação deste órgão, ela surgiu numa reunião que nós realizamos no dia 21 de março de 2006. Nossos conselheiros, que são em número de 40, discutiram a viabilidade desse projeto e daí passamos a procurar o apoio de entidades como a OAB, dentre outras.

"O conselho pretende combater todo tipo de discriminação, não só contra negros, mas também contra mulheres, crianças, indígenas ou qualquer pessoa que seja vítima de preconceitos"

No entanto, já conquistamos muitas coisas. Estamos com um programa **Ata da reunião do Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial** e da Fundação Palmares", concluiu.

TT TOPA TUDO

Porto Seguro, 20 de maio de 2007

cidade

13

TT TOPA TUDO

Atrai-a! d'Ajuda, Trancoso e Caraíva

Domingo, 19 de agosto de 2007

Litoral Sul 07

Conselho de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro vai a Brasília para a conferência da Mulher

Aconteceu no último dia do dia 17 em Brasília, a abertura da II CNPM – Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. O evento, que contou com a presença do Presidente Lula, além de outras autoridades nacionais e internacionais teve como principal objetivo avaliar a implementação do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) e para discutir sua participação nos espaços de poder. O Decreto assinado pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva em 17 de janeiro de 2007 (DOU, 18/

01/07, ed. nº 13, seção 1, p. 7) convocou a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres que foi coordenada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

A Conferência ocorrida em Brasília, entre os dias 17 e 20 de agosto de 2007, contou com cerca de 2.800 delegadas/os governamentais e da sociedade civil advindos de Conferências Estaduais, Municipais e Regionais

ocorridas entre março e julho deste ano. Durante a realização destas etapas, foram discutidos os temas propostos para a II CNPM. O produto dos debates foi consolidado em relatório que foi encaminhado à Comissão Organizadora Nacional da II CNPM, em Brasília. Os temas de discussão propostos são: análise da realidade brasileira: social, econômica, política, cultural e os desafios para a construção da igualdade na perspectiva da implementação do PNPM; avaliação das ações e políticas pro-

postas no PNPM, sua execução e impacto e participação das mulheres nos espaços de poder.

As delegadas eleitas para representar Porto Seguro na II Conferência Nacional de Políticas Para Mulheres, Miriam Silva -do Instituto Socio cultural Brasil Chama África, e Soraia Soperelo - representante do poder público, já avaliam como irão implementar essas políticas em formas de projetos aqui na região. As duas representam a secretaria de Políticas de promoção de igualdade racial.

1ª Reunião preparatória para comemoração da Semana da Consciência Negra 2007 da Costa do Descobrimento

No dia 12/09/07 - às 15hs, ocorreu a Reunião da Comissão Pró-Conselho Municipal de Igualdade Racial de Porto Seguro, no espaço Macunaíma, onde reuniram as Instituições: ISCBCA - ONG "Instituto Sócio-cultural Brasil Chama África", GRATA-ONG "Grupo de Apoio às Tradições Afro-Brasileiras", CCPS - "Centro de Cultura de Porto Seguro", MACUNAÍMA "Centro Cultural Macunaíma", ISED - "Instituto Superior de Educação", dentre outras pessoas e representantes da sociedade civil.

Nessa reunião, o grupo decidiu por organizar-se, visando realizar os eventos para as comemorações da "Semana da Consciência Negra" de toda a Costa do Descobrimento, que acontecerá no período de 17 a 20 de novembro de 2007.

Os eventos serão realizados no Centro de Cultura de Porto Seguro, e contará com uma programação abrangente, diversificada e ampla, visando participação de toda a comunidade interessada, nas questões inerentes à: Afro-Brasileiridade, Diáspora, Igualdade Racial, Ações Afirmativas, Políticas Públicas, etc...

Dentre as ações esperadas, a "Comissão Pró-Conselho Municipal de Igualdade Racial de Porto Seguro", pretende: o aumento do valor da consciência de cada pessoa participante, o resgate da auto-estima, a valorização das expressões culturais - religiosas - artísticas, a participação efetiva dos Negros e Afro-Descendentes, bem como a mobilização de toda a comunidade civil, para melhor edificar ações afirmativas,

políticas públicas, visando propiciar a inclusão social, a diminuição da homofobia, do racismo, e de outras formas xenofóbicas.

O cronograma das atividades dos eventos será posteriormente informado e amplamente divulgado a toda Sociedade da Costa do Descobrimento.

Para que isso possa acontecer, convocamos os interessados e os representantes de moda e gastronomia afro e artísticos (abaixo), PARA PARTICIPAREM DA PRÓXIMA REUNIÃO - DIA 25-09-07 ÀS 14HS, NO CENTRO CULTURAL MACUNAÍMA.

- de Porto Seguro:
- Axé Odara
- Grupo Miçanga

- Omolú Brasil
- Kainana
- Capoeira Esporão
- Capoeira Sul da Bahia
- Grupo de Pagode Sambahia
- Congado do Vale Verde
- Grupo de Teatro do Centro de Cultura
- Grupo Abadá Capoeira

- de Belmonte:
- Netos de Gandhi
- Negras de Nagô
- Capoeira de Belmonte

- de Santa Cruz Cabrália:
- Samba de Roda de Santo André
- Grupo Afro do Centro de Convivência
- Capoeira Cordão de Ouro

ÁREA EXTERNA CENTRO DE CULTURA:

· Oficinas: Capoeira, Penteados afro, Contos Afros (ITJ)
· Feira: Livros afro, Gastronomia, Artesanato, Samba de Roda e Aulão de Capoeira com Convidados.

Exibição de Cinema e vídeos - Debates
Local: Espaço Macunaíma 18:00h

Informação: (73) 3288-1388 / 9989-7245

REALIZAÇÃO
CONSELHO MUNICIPAL DE PROMOÇÃO E IGUALDADE RACIAL DE PORTO SEGURO

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO:

Miriam Silva

APOIO:
Instituto Sociocultural Brasil Chama África, Instituto Tribos Jovens, ISED, GRATA-Bahia, Espaço Macunaíma

PATROCÍNIO



**SEMANA DA
CONSCIÊNCIA NEGRA
DO EXTREMO SUL DA BAHIA**

**DE 17 A 20
DE NOVEMBRO
DE 2007**

Local : Centro de Cultura de Porto Seguro

PROGRAMAÇÃO			
SÁBADO 17-11-2007			
16:00 I Caminhada Cultural do Conselho Municipal Promoção da Igualdade Racial Concentração na Praça da Passarela do Alcool - trajeto: 2 de julho - Corredor Cultural Pacatã	8:20 Composição da mesa: Secretários de Saúde: Secretária de Ação Social, Dr Luciano Laranjeiras (PSF) Altair Lira (Fed. Saúde-Salvador), Maria Erotides (ISED)	16:30 Coffee-break	16:00 Apresentação Cultural: Grupo Afro SonArte
DOMINGO 18-11-2007	8:30 Palestra: Altair Lira (Fed. Saúde) Tema: saúde dos Afro-descendentes	16:30 Apresentação Cultural: Grupo Afro Cultural Escola Municipal Chico Mendes	16:30 Palestra: Tema - A Inserção do Negro no Mercado de trabalho - Profª Exmeralce Andrade (ISED)
16:00 Ordenamento - Centro de Cultura	9:30 Mesa debate - Questionamentos da Platéia	17:00 Palestra: Vanda Machado (SECULT) Tema: Lei 10639 Projeto Ilê Ayê	11:00 Mesa de Debate: ACPS, SINDICATOS, CDL
16:30 Hino Nacional - Banda Batium (Cambolo)	9:30 Coffee - break	17:30 Tema: Lei 10639 Projeto Ilê Ayê	11:40 Apresentação Cultural: Grupo Swingart - Cambolo
17:00 Composição da mesa com Autoridades	10:00 Apresentação Cultural de Teatro: Escola Municipal	17:30 Mesa de debate: UNEB, ISED	12:00 - Intervalo para almoço
Palestra - Dra Silvia Cardoso (OAB)	10:30 Alcides Faustino	18:00 UNISUL	14:00 Apresentação Cultural: Grupo Omolu Brasil
Tema: Leis	10:30 Palestra: Maria Cunha	18:00 Apresentação Cultural: Axé Odara	14:30 Palestra: Tema Religiosidade Afro "Ossain, Orixás das Folhas, Alexandre Oliveira (UNEB)
Mesa Debate: OAB, MP, Fórum, PM e DEAM	Tema: Programa Sentinela	18:00 Desfile Concurso Beleza Negra	15:00 Mesa Debate - Representante dos Terreiros (UNEB)
Mondlogo: "Deus Decepção" Adpt. Ed Aquino	11:00 Mesa debate: OAB, MP, Fórum, PM e DEAM	19:00 Figurinos: DN AFRO	16:00 Coffee-Break
19:00 Palestra: Vanda Ferreira (Petros RJ)	11:40 Momento Político - Sarau Poesia com Maria dos Anjos	20:00 Premiação do Desfile	16:30 Samba de Couro de Trancoso
Tema: A importância do papel	12:00 - Intervalo para almoço	20:00 Apresentação: Banda Solidária (Cambolo)	17:00 Palestra: Quem foi Zumbi dos Palmares?
desempenhado pelas mulheres do	14:00 Apresentação Cultural: Toré (Aldeia Velha)	TERÇA-FEIRA 20-11-2007	17:30 Mesa de Debate: OAB, MP, Fórum, PM e DEAM
MMU- Movimento Negro Unificado	14:30 Composição da mesa: Secretários de Turismo, ITJ, ABIN, SINDHESUL, UNISUL, UNEB e Pataxo Turismo	08:00 Apresentação: Escola Municipal do Arraial	18:00 Apresentação Cultural: Netos de Gandhi, Negras e Negros Nágos
Mesa de debate: Questionamentos da Platéia	15:00 Palestra: Billy Arquimino (SETUR)	09:00 Mesa Debate	19:00 Encerramentos Desfile Afro/ Folclórico
20:00 Apresentação Cultural	Tema: Turismo Ético	09:30 Coffee - break	20:00 Confraternização no Corredor Cultural Pacatã
Show Grupo Afro M'panguto	15:30 Mesa debate - Questionamentos da Platéia		
20:30 Coquetel			
SEGUNDA-FEIRA 19-11-2007			
8:00 Abertura: apresentação Grupo Afro Escola Arraial/ Mondlogo: Ana Paula Tema: 13 de Maio - Escola: B. E. Gomes			

Digitalizada com CamScanner

Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro

Informações:
Rua Itagibá, 222 - Centro - Porto Seguro - BA
Tel.: (73) 3268-2651 / 3288-1975
E-mail: conselhoetnico@yahoo.com.br

Realização



Organização



Apoio



1ª Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro



Local: Centro de Cultura de Porto Seguro
Data: 30/04/2009
Horário: 8:30 às 17:00

Digitalizada com CamScanner

1ª Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial

TEMA: DISCUTINDO POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL.

Este evento, resulta de parcerias entre instituições diversas, e surge como uma necessidade de responder aos desafios, que envolvem as questões raciais. Como resultado de conquistas dos movimentos negros, dos movimentos sociais de um modo geral, desde a década de 1980. A desigualdade que ainda impera em nosso país é evidente.

PROGRAMAÇÃO

Manhã

Horário: 08:30 h

• Credenciamento

Horário: 09:00 h

Abertura Oficial: Everaldo Lauritzen L. Filho

• Apresentação Cultural

• Composição da Mesa

Horário: 09:30 h

Palestrante: Miriam Conceição da Silva

• Apresentação do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Porto Seguro

Horário: 10:00 h

Palestrante: Zenilda Santos Silva

Mediadora: Gilberlice da Cruz Menezes

SEPROMI - Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial

Horário: 10:30 h

Palestrante: Ademir O. Silva

Mediador: Beti Stifelman

CDCN - Conselho Estadual de Comunidades Negras

Horário: 11:00 h

Palestrante: Márcia Reis

Mediador: Beti Stifelman

• Avaliação da Participação e Controle Social como Foco no Compartilhamento do Poder de Decisão

Horário: 11:30 h

INTERVALO (Coffe Break)

Tarde

Horário: 12:00 h - Almoço

Horário: 13:30 h

Palestrante: Profº Alexandre Fernandes

Mediador: José Arlindo Leal

• Conscientização da Diversidade Cultural Religiosa

Horário: 14:00 h

Palestrante: Profº Cristiano Raickil

Mediador: Profº Gilmária Menezes e Soraia Perelo

• Educação Étnica Racial: Preconceito e Violência

Horário: 14:30 h

• GTS - Grupo de Trabalho

Horário: 16:00 h

• Apresentação dos GTS

Horário: 16:30 h

INTERVALO (Coffe Break)

Horário: 17:00 h

Encerramento

Digitalizada com CamScanner

Cultura
TOPATUDO
Domingo, 07 de Dezembro de 2008 11

Brasil Chama África homenageia Dia do Samba



Integrantes do Sambahia, um dos mais antigos grupos de pagode da cidade, da Banda Etnia, além dos músicos Jairo Monteiro, Diamantino, Nal e Xará estiveram presentes. Quem não tocou, cantou e curtiu a noite, regada com caldo de feijão e cerveja.

De acordo com Beti Stifelman, uma das integrantes do Brasil Chama África, o encontro teve duas consequências positivas: a reunião de amigos em torno de uma das formas musicais mais apreciadas pelos brasileiros e ainda o reforço do trabalho do ISCBA em torno da igualdade racial.

O músico Hudson, do Sambahia, pediu a palavra e fez um pronunciamento a favor do samba e elogiando os organizadores da confraternização, ao mesmo tempo em que teceu críticas a alguns músicos da cidade, "que se dizem sambistas", mas não comparecem em evento específico para homenagear e jantar a classe. "Convidei vários músicos para vir aqui confraternizar e homenagear a nossa música tipicamente brasileira, poucos vieram. Mas o que importa é que nós estamos aqui, reunidos em nome do samba", argumentou Hudson.

a Deixa Falar. O Dia Nacional do Samba surgiu por iniciativa de um vereador baiano, Luis Monteiro da Costa, para homenagear Ary Barroso. Ary já tinha composto seu sucesso "Na Baixa do Sapateiro", mas nunca havia posto os pés na Bahia. Esta foi a data que ele visitou Salvador pela primeira vez. Engraçado, não? A festa foi se espalhando pelo Brasil e virou uma comemoração nacional.

Dois cidades costumam comemorar o Dia do Samba: Salvador e Rio de Janeiro. Mas a cada ano que passa mais municípios estão aderindo à homenagem do ritmo, que mesmo mesclado e influenciado por outras manifestações musicais, é tipicamente brasileiro. Entre elas, agora, Porto Seguro.

No Dia do Samba, a homenagem de alguns músicos da cidade

O Instituto Sociocultural Brasil Chama África - ISCBA promoveu no Espaço Cultural Macaúba uma animada confraternização musical em comemoração ao Dia do Samba. A reunião começou a partir das 20 horas e reuniu diversos músicos e aficionados do ritmo, que numa roda descontraída desfilaram vários medalhões do ritmo, passando do pagode ao samba canção, do samba duro ao samba de

Arte e Cultura são marcas do projeto Arraial Cenário

Levar a sociedade a discutir a cultura como investimento de inclusão social e o poder da arte como ferramenta mais justa.

A ideia é promover ainda reflexão sobre o turismo sustentável e mobilizar

Coral Vivo promove concurso de desenhos para crianças

espécies que vivem no local. Numa folha à parte devem ser escritos o nome.

Digitalizada com CamScanner

CULTURA

Seminário de Cultura Afro-brasileira será realizado de 29 a 30 de maio

ANA CAROLINA MADEIRA

PORTO SEGURO

O primeiro Seminário de Cultura Afro-brasileira acontecerá entre os dias 29 e 30 de maio, no Cefet, em Porto Seguro. Realizado pela parceria de Cefet, Conselho de Promoção de Igualdade Racial (Sepromi), Instituto Sociocultural Brasil Chama África (Isbca) e Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tem expectativa de público de 200 pessoas, entre professores e alunos de ensino médio.

As inscrições são gratuitas e será exibido um DVD sobre estética afro, que foi embasado em uma monografia. Serão rifados quadros dos artistas plásticos locais Casado, Keko e Diamantino.

Após a implementação da disciplina Cultura Afro nas escolas públicas, o Brasil Chama África propôs reciclagem para representantes de entidades ligadas ao movimento, onde surgiu a ideia de realizar um seminário. Questões culturais, religiosidade, leis novas, cidadania, políticas públicas, cotidiano, mulher negra e educação indígena são os temas que serão abordados pelo evento.

No dia 29, às 13h30 será feito credenciamento e às 14h, abertura com palestra sobre Cidadania Afro-brasileira, ministrada pelo secre-

tário da Promoção de Igualdade Racial, Luis Alberto. Meia hora depois a professora pós-graduada em História da África e diretora da Direção Itabuna, Dinalve Célia Santos Andrade fala de cultura Afro-brasileira nas escolas. Às 15h, o tema será A Musicalidade na Cultura Afro-brasileira, com a professora Edna Conceição, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Capoeira e Inclusão Social serão assuntos do mestre de capoeira Renato dos Santos, às 15h30.

Regime de cotas no Cefet será abordado, às 16h, pelo professor George Souto Rocha, diretor do Cefet de Porto Seguro. Com um coffee-break às 16h30, acontece apresentação musical de Jairo e Gilbertice, além de Omolu Brasil, African Luck e Ângela. O Jovem Negro na Sociedade Brasileira é discutido pela mestrande da Fundação FORD, Suzete de Paiva Lima. Mesa redonda está marcada para às 17h30.

O dia 30 inicia às 8h30 com Políticas Públicas e relações étnicas, por Jerry Matalawe da Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e Coordenação de políticas para os povos indígenas. Meia hora depois Educação Escolar Indígena na Cultura Brasileira é debatido pela professora

mestranda em ciências da educação pela Universidade Lusófona de Lisboa, Soraia Nascimento Perelo e pelos professores da Aldeia Velha Pariry Mayná e Puhuyakuã, Educação Indígena.

Religião Afro-brasileira é falada às 9h30. Às 10h30, Olívia Santana do PCdoB discorre sobre A Mulher Negra na Sociedade Brasileira. O Cotidiano dos Afrodescendentes é o assunto da representante da OAB, advogada Márcia Reis, às 11h e meia hora depois começa a mesa redonda. Com almoço marcado para às 12h30, a agenda do evento inicia às 13h30 com apresentação de dança afro com Edna Conceição.

Orientação para elaboração de projetos para o segundo semestre de 2008 será efetuada às 14h. Orientação da professora e mestrande em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa, Maria Erotides Morem, inicia às 14h30. Intervalo será às 15h30 e a apresentação de projetos começa às 16h. Encerramento será às 17h com apresentação cultura de Dança, Música e Arte e a partir das 19h30 acontece a confraternização Sexta-feira Afro no Espaço Macunaíma, na Associação Estela Chaves, bairro Pacatã.

ANEXO B – LEIS



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO
ESTADO DA BAHIA
GABINETE DO PREFEITO

LEI MUNICIPAL Nº 976/11 DE 30 DE SETEMBRO DE 2011

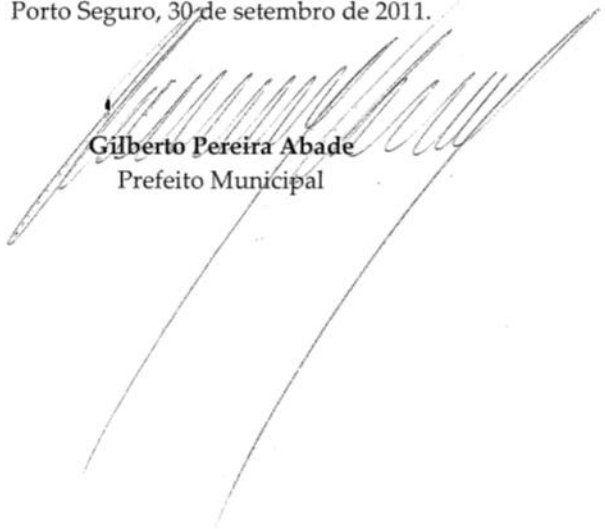
“Institui o Plano Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições legais, amparado pelo inciso IV, do artigo 58, da Lei Orgânica do Município, **FAZ SABER** que a Câmara Municipal **APROVA** e **EU SANCIONO** a seguinte Lei:

Art. 1º. Esta Lei institui o **Plano Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**, nos termos do Anexo Único, visando combater a discriminação racial e as desigualdades estruturais e de gênero, em consonância com os termos da Lei Federal nº 12.288, de 20 de julho de 2010.

Art. 2º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO
Porto Seguro, 30 de setembro de 2011.


Gilberto Pereira Abade
Prefeito Municipal

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO - ESTADO DA BAHIA

LEI Nº 488/03 DE 16 DE SETEMBRO DE 2003

"AUTORIZA A PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, A INCLUIR EM CARÁTER OPTATIVO, A PRÁTICA DE CAPOEIRA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições legais, e ainda amparado pelo Inciso IV do Artigo 58 da Lei Orgânica do Município, FAZ SABER que a Câmara Municipal APROVOU E EU sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica a Prefeitura Municipal de Porto Seguro autorizada a incluir, em caráter optativo, a prática de capoeira na área de estudos de Educação Física, nas escolas públicas de 1º e 2º grau.

Art. 2º As despesas com a execução desta Lei correrão por dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Porto Seguro, 16 de setembro de 2003.

JOSÉ UBALDINO ALVES PINTO JÚNIOR

Prefeito Municipal



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO
ESTADO DA BAHIA**

LEI MUNICIPAL Nº 1184/14 DE 27 DE OUTUBRO DE 2014.

“Altera a Lei nº 680/07, que Cria o Conselho Municipal da Promoção da Igualdade Racial, o Fundo Municipal da Promoção da Igualdade Racial – FUMPIR, e dá outras providências”.

A **PREFEITA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO, Estado da Bahia**, no uso de suas atribuições legais, amparado pelo inciso IV, do artigo 58, da Lei Orgânica do Município, **FAZ SABER** que a Câmara Municipal **APROVOU** e **EU SANCIONO** a seguinte Lei:

Art. 1º. Ficam alterados os incisos I e II do artigo 4º, que passam a vigorar com as seguintes redações:

I – Seis representantes da sociedade civil organizada, comprometidas com a promoção da igualdade racial, sendo:

- a) Um representante das organizações negras não governamentais;
- b) Um representante de Povos Ciganos;
- c) Um representante dos Indígenas;
- d) Um representante da Juventude de Movimentos Sociais/Culturais;
- e) Um representante de expressões religiosas;
- f) Um representante de instituições de Ensino e pesquisa de nível superior.

II – Seis representantes do Poder Público, dentre os seguintes órgãos e entidades:

- a) Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social;
- b) Secretaria Municipal de Educação;
- c) Secretaria Municipal de Saúde;
- d) Secretaria Municipal de Cultura e Turismo;
- e) Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca;
- f) Secretaria Municipal de Governo/ Superintendência de Assuntos Indígenas;

Artigo 2º. Fica alterado o subtítulo “DO FUNDO MUNICIPAL DA PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL – FUMPIR”, que passa a vigorar com a seguinte redação:

FUNDO MUNICIPAL DA PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL – FUMPIR

CS





**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO SEGURO
ESTADO DA BAHIA**

Artigo 3º. Fica criado o cargo em comissão, de livre nomeação e exoneração do Prefeito Municipal, vinculado a Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social.

Cargo	Quantidade	Símbolo	Valor
Coordenador de Igualdade Racial	01	DAS-6	R\$ 1.280,00

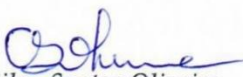
Parágrafo Único. Compete ao Coordenador de Igualdade Racial:

- a) Assessorar as ações políticas relativas à condição de vida da população negra e outros segmentos raciais e étnicos do Município de Porto Seguro e ao combate aos mecanismos de subordinação e exclusão, que sustentam a sociedade discriminatória.
- b) Promover a defesa dos que sofrem preconceito ou discriminação em função da etnia, raça ou cor;
- c) Instituir as orientações legais no campo das relações étnico-raciais nas políticas públicas desenvolvidas pela Prefeitura de Porto Seguro através de ações de longo, médio e curto prazos, e conforme as necessidades imediatas contra o racismo, a discriminação, a intolerância e a xenofobia;
- d) Implementar estratégias conjuntas que viabilizem as políticas de promoção da igualdade racial no Município, de forma dialogada com as diretrizes da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial e Plano Estadual das Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Município de Porto Seguro.

Artigo 4º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DA PREFEITA

Porto Seguro, 27 de outubro de 2014.


Claudia Silva Santos Oliveira
 Prefeita Municipal

